



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Instituto de Geografia

Departamento de Turismo

Taiane Brito da Silva

Percepção sobre o espaço público de Lazer em Teresópolis

Teresópolis
2016

Taiane Brito da Silva

Percepção sobre o espaço público de Lazer em Teresópolis

Monografia apresentada ao Departamento de Turismo da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Turismo.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Ângelo Fortunato

Teresópolis

2016

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CTC-T

S586 Silva, Taiane Brito da.
Percepção sobre o espaço público de lazer em Teresópolis /
Taiane Brito da Silva. – 2016.
50 f.
Orientador: Rafael Ângelo Fortunato.
Monografia apresentada ao Departamento de Turismo da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro como requisito
parcial para obtenção do grau de bacharel em Turismo.

1. Lazer – Aspectos sociais – Teresópolis (RJ) –
Monografias. 2. Espaços públicos – Teresópolis (RJ) –
Monografias. 3. Áreas de recreação – Teresópolis (RJ) –
Monografias. 4. Praças – Teresópolis (RJ) – Monografias. 5.
Espaços públicos – Monografias. I. Título. II. Fortunato,
Rafael Ângelo. III. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Departamento de Turismo.

CDU 379.8(815.3)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta monografia, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Taiane Brito da Silva

Percepção sobre o espaço público de Lazer em Teresópolis

Monografia apresentada ao Departamento de Turismo da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Turismo

Aprovada em 04 de outubro de 2016.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Rafael Ângelo Fortunato (Orientador)
Departamento de Turismo - UERJ

Prof. Dr. Leandro Souza Moura
Departamento de Turismo - UERJ

Prof. Dr. Marcela Nascimento Padilha
Departamento de Turismo - UERJ

Teresópolis
2016

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família, meu principal suporte.

AGRADECIMENTOS

A caminhada foi longa até chegar aqui, muitos desistiram deste novo desafio lançado, mas acredito que aqueles que fizeram desta empreitada uma motivação ganharam muito mais que uma formação acadêmica, e sim, uma formação pra vida.

Sair de casa, sair da sua zona de conforto, morar em uma cidade a mais de 40 km da de origem não foi nada fácil. Neste momento, a fé é algo que nos mantém de pé, é um alicerce o qual não nos faz desistir. Cada pessoa tem a sua fé firmada no que quiser e em quem quiser. Viver neste ambiente acadêmico, dentro de uma diversidade, me fizeram respeitar “fês” as quais antes não me foram apresentada de uma maneira tão singela. Contudo, a minha fé continua firmada em Deus, e é à Ele quem eu quero começar a agradecer. Este mesmo Deus, preparou tudo para minha chegada até aqui e me ajudou nos momentos mais difíceis, de angustia, na falta de dinheiro... Obrigada Deus!

Desejo agradecer também a minha família, em especial a minha mãe Márcia que nunca mediu esforços para me dar esta formação; a minha irmã Dandara, minha principal motivadora; ao meu avô Salomão, que na ausência do meu pai biológico assumiu uma responsabilidade que não deveria ter sido a dele, mas fez todo esse esforço por amor, assim também como o meu tio Renildo e Henrique; a minha avó Marlene, minha segunda mãe que nunca teve condições de ir além da alfabetização, mas teve sabedoria e sempre incentivou toda família ao estudo.

Não posso esquecer de agradecer ao meu orientador que se revelou um grande amigo, Prof.º Dr. Rafael Fortunato, um exemplo de humildade e inteligência. Apensar do título que carrega consigo, nunca se demonstrou uma figura de superioridade ou impôs algo. Obrigada professor! O diálogo, paciência e perseverança são sempre os melhores aliados.

Agradeço a você que está lendo. Espero que esta pesquisa possa provocar reflexões que vão além da sala de aula. Boa leitura.

De um dos cabeços da Serra dos Órgãos desliza um fio de água que se dirige para o norte, e engrossado com os mananciais que recebe no seu curso de dez léguas, torna-se rio caudal. É o Paquequer: saltando de cascata em cascata, enroscando-se como uma serpente, vai depois se espreguiçar na várzea e embeber no Paraíba, que rola majestosamente em seu vasto leito.

(José de Alencar)

RESUMO

SILVA, Taiane Brito. **Percepção sobre o espaço público de Lazer em Teresópolis**. 2016. 50 f. Monografia (Graduação em Turismo) – Departamento de Turismo, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Teresópolis, 2016.

O presente trabalho tem como objeto de pesquisa mostrar a importância do espaço público para o turismo, ressaltando o papel da comunidade e suas percepções sobre este espaço, como também dos demais atores envolvidos para o desenvolvimento da atividade. Para tal feito, este trabalho teve por base algumas bibliografias que definem o que vem a ser o termo “público”, pesquisa qualitativa e de dados primários. É apresentada a cidade de Teresópolis, mostrando a sua representatividade no estado do Rio de Janeiro. Logo após foi feita uma relação entre turismo e espaço público, mostrando que os mesmos estão entrelaçados. Trouxemos para esta pesquisa alguns exemplos de lazer em espaços públicos ao redor do mundo assim como na própria cidade estudada. A partir destes pontos pudemos identificar se existe ou não um potencial para o desenvolvimento de atividades e atrativos turísticos nestes espaços públicos.

Palavras chave: Turismo e Espaço Público. Teresópolis. Praças.

ABSTRACT

SILVA, Taiane Brito. **Percepção sobre o espaço público de Lazer em Teresópolis**. 2016. 50 f. Monografia (Graduação em Turismo) – Departamento de Turismo, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Teresópolis, 2016.

This work has as object of research show the importance of the public space for tourism, showing the importance of the community and their comprehension about this space as others involved for development of this activity. For this feat, this work was based on some bibliographies that define what really means the term "public", as it is ambiguous; quantitative researches and visit the places mentioned in this work. We start presenting the city of Teresopolis, showing their representativeness in the state of Rio de Janeiro. Soon after we made a link between tourism and public space, showing that they are intertwined. We brought to this research some leisure examples in public spaces around the world as well as in the city itself studied. We also present some aspects of the city of Teresopolis, such as social, environmental and others, we took the opportunity to talk a bit about the city's history and present the first historical records of these public spaces. From these points we were able to identify whether there is a potential for the development of tourist activities and attractions in these markets.

Keywords: Tourism and public spaces. Teresópolis. Squares.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 TURISMO E ESPAÇO PÚBLICO.....	14
2 O LAZER EM ESPAÇOS PÚBLICOS AO REDOR DO MUNDO.....	24
2.1 Edimburgo	26
2.2 Rio de Janeiro – Rio Comprido	26
2.3 Rio de Janeiro – Morro da Conceição	27
2.4 Lisboa – Portugal	28
2.5 Cuiabá – Mato Grosso	28
2.6 Teresópolis – Praça Baltazar da Silveira	29
2.7 Festival de Inverno Sesc – Região Serrana	31
2.8 Ferinha da Praça Baltazar da Silveira	32
2.9 Igreja Matriz Santa Teresa	33
2.10 Feirinha do Alto – Praça Higino da Silveira.....	34
2.11 Bryant Park – Nova York, Estados Unidos	35
2.12 Belo Horizonte – Minas Gerais	37
3. ASPECTOS CULTURAIS, NATURAIS, SOCIAIS DE TERESÓPOLIS	38
4. PERCEPÇÕES DO ESPAÇO PÚBLICO DE LAZER EM TERESÓPOLIS.....	46
4.1 Participação nas atividades culturais	47
4.2 Desinteresse e (des)conhecimento das atividades realizadas	48
4.3 Divulgação das atividades no espaço público.....	49
4.4 Política Pública para fortalecer o uso dos espaços públicos	50
4.5 INFRAESTRUTURA DOS ESPAÇOS PÚBLICOS.....	53
5. RESULTADO DAS PERGUNTAS DIRETAS.....	55
6. Proposta – Plano de ação	56
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	62

INTRODUÇÃO

O presente trabalho procura explicitar as relações entre o lazer nos espaços públicos e a atividade turística. Para isso, foi trabalhado com questionários em três grupos distintos identificados como grupo A, B e C, sendo que em cada grupo foram reunidos profissionais da mesma área de atuação, sendo organizado da seguinte forma: grupo A – educadores; grupo B – empresas que promovem eventos em espaços públicos por fim o grupo C – frequentadores das praças e outros espaços públicos.

Também será abordado nesta pesquisa como o setor da educação pode ajudar na criação de políticas públicas a serem inseridas em escolas a fim de contribuir com a conscientização dos alunos para a conservação dos espaços públicos. Por este motivo torna-se relevante a participação dos profissionais deste setor no questionário.

Partindo disto será proposto também uma articulação entre as secretarias de turismo, educação e sociedade Civil organizada, alinhando os interesses de cada um ao bem comum da cidade e a nova forma de potencialização de lazer e turismo, pensando na comunidade local e no visitante.

Este tema foi estudado sob uma ótica transdisciplinar, daí a importância de incorporar a esta pesquisa pontos de vista de diferentes áreas, mas que estão ligadas ao turismo, pois esta é uma atividade que não caminha sozinha precisando da contribuição de outros campos de estudo. Desta maneira, será possível tentar entender as relações entre lazer e turismo por meio das percepções dos atores sociais envolvidos na atividade

Além da observação, a metodologia utilizada para o desenvolvimento deste trabalho foi uma pesquisa qualitativa, onde os entrevistados, que são peças-chaves desta pesquisa, puderam responder as perguntas e argumentá-las de acordo com o seu ponto de vista. Alguns entrevistados não aceitaram que a pesquisa fosse gravada, gerando a necessidade de anotar as respostas.

Durante a pesquisa, foram encontrados poucos registros das Praças Baltazar da Silveira e Higino da Silveira, dois espaços públicos considerados de extrema importância para o município. Muito pouco ou quase nada foram encontrados na Casa de Memória, localizada na praça mais conhecida por Santa Teresa, e também em um livro que relata a história da cidade. Sendo assim, a fim de buscar mais conteúdo para esta pesquisa foi necessário realizar

entrevistas com moradores locais para que pudesse enriquecer este trabalho com um maior conteúdo histórico.

Foram feitas muitas tentativas de contato com a Secretaria de Turismo, incluindo as de corpo presente para que a mesma pudesse fornecer seus arquivos sobre os objetos de pesquisa, porém a mesma alegava que as informações eram confidenciais e não poderiam ser enviadas por e-mail e estavam sob a posse de apenas uma pessoa, a qual também não quis disponibilizar as informações.

O primeiro capítulo visa dar uma breve explanação sobre qual tipo de espaço público este trabalho se refere, levando em conta o amplo conceito deste termo. Leva em consideração também, que o turismo ainda continua sendo uma atividade um pouco excludente e nem todos podem aproveitar deste fenômeno, sobrando assim na cidade poucas opções para passar o tempo vago com qualidade. Assim as praças são apontadas como um lugar de desenvolvimento da cultura local e uma opção de lazer para turistas e moradores locais.

O capítulo 2 mostra como os espaços públicos, sendo eles praças ou não, são bem utilizados ao redor do mundo e até mesmo neste município como opção de lazer, cultura e educação. Desta forma são oferecidos ao público programações de qualidade sem cobrá-los nada para participar e usufruir o tempo vago.

O capítulo posterior falará sobre algumas questões que rodeiam a cidade de Teresópolis. Movimentos sociais e culturais, aspectos naturais serão trazidos para esse trabalho sobre a ótica do turismo e quais são as importâncias do mesmo na construção da cidade e como isto pode estar atrelado ao pertencimento.

Diante do atual cenário da cidade, conflitos políticos e dos recursos financeiros que esta possui, este projeto final visa abordar sobre a importância dos espaços públicos como alternativa para o turismo. Pois acredito que a potencialização do que já se tem pode se tornar um grande atrativo para quem busca visitar a cidade e, principalmente, para a comunidade local. Assim, iremos investigar como o turismo pode estimular o desenvolvimento local, dentro de alguns aspectos que de alguma forma estão inseridos na atividade.

Este trabalho, portanto, visa explorar as tentativas humanas de ainda fazer da cidade um lugar de encontros e compreender se o uso do espaço público de lazer pela população prepara o município para receber os turistas e se neste lugar encontramos elementos para fortalecer a identidade local e, por conseguinte, o sentimento de pertencimento.

A partir dessa pesquisa poderá ser percebido como os espaços públicos podem ser um grande aliado a práticas turísticas, podendo ser um atrativo que já faz parte da identidade local.

1 TURISMO E ESPAÇO PÚBLICO

A princípio é importante definir a qual “espaço público” este trabalho se refere. Alguém poderia dizer que não existe distinção e que ao ouvir esse nome ficaria claro sobre o que o texto a seguir falará. Porém é necessário ressaltar que esse termo é ambíguo, visto que existem espaços que são ditos como públicos, como, por exemplo, hospitais, prédios que pertencem ao governo e entre outros.

O espaço a qual me refiro é o que tem um caráter de uso coletivo, qualquer cidadão ou até mesmo empresas privadas, ONGs, movimentos culturais podem se apropriar do espaço para desenvolver atividades que sejam direcionadas ao cidadãos com finalidade de proporcionar lazer aos seus frequentadores.

Para tal, é necessário entender que o espaço público é um lugar democrático. Ali podem se estabelecer vendedores ambulantes desde os que vendem picolé, algodão doce, assim como grandes empresas ou ONGs que se interessam em disseminar o lazer ou não, podendo se tornar um espaço para exposições de empresas interessadas em vender um produto.

Padilha (2011) em seu artigo intitulado O conceito de espaço público como suporte para a análise de cidades com patrimônio histórico-arquitetônico protegido, em um primeiro momento faz uma revisão bibliográfica, tendo como base três autores sendo eles Hannah Arendt, Jürgen Habermas e Richard Sennett, trazendo a concepção de espaço público de cada um deles.

Segundo a análise da autora, para Hannah Arendt o espaço público é o que nos mantém juntos, porém a impessoalidade é um traço que tem nos marcado, “por isso, essa sociedade perdeu o interesse pela vida em comum; ela não encontra um verdadeiro elo que una uns aos outros.”(PADILHA, 2011, p.3) Ou seja, falta algo que possa ser compartilhado pelos mesmos interesses, trazendo de volta a unidade, deixando claro que para Arendt tem faltado a questão da sociabilidade.

Habermas, na concepção de Padilha (2011), faz a diferenciação do que vem a ser público, pois é sabido que existem lugares que recebem este nome, porém a entrada só é

permitida mediante a identificação, ou até permitem a entrada de todos, mas por serem fechados causam certa intimidação e por fim exclusão é o caso de alguns centros comerciais.

Neste sentido ele recorre a transição da representatividade público x privado, e as confusões que as tais causavam na Idade Média e na Idade Moderna. Fala ainda da necessidade de divulgação dos decretos com a finalidade de informar os feitos públicos, levando esta responsabilidade para a imprensa. “Então, esse instrumento passa, então, a ser a via de comunicação entre o poder público e o ‘público’, isto é, os cidadãos.” (PADILHA, 2011, p. 9)

Todavia, na segunda metade do século XIX, a imprensa perde este caráter de divulgação e torna-se algo para ser consumido. A cultura que antes era objeto de informação e responsabilidade da imprensa para que a mesma fosse propagada, torna-se bem de consumo.

A pesquisadora ainda traz a concepção de Sennet acerca deste assunto, pois para o mesmo as pessoas não se motivam a ter um relacionamento com aqueles que lhe causam estranhamento. Ainda na percepção da mesma sobre a obra de Sennet, o espaço público vem perdendo a qualidade de sociabilidade e de troca entre os seres. Antes questões que eram conversadas nestes lugares como política, por exemplo, havia uma troca, uma possibilidade de trocar opiniões que antes já estavam formadas, hoje isto já não tem ocorrido, pois as pessoas tomam suas decisões baseadas em sua individualidade e posso assim dizer, em algo que já vem pronto para ser consumido e formar opiniões.

Neste artigo, a autora ainda mostra que Sennet aponta cidades como Nova Iorque por exemplo, onde os espaços públicos encontram-se vazios, sendo utilizados apenas para passagem, tornando-o sem identidade. Essa percepção do autor é a mesma que alguns frequentadores das praças e moradores de Teresópolis tem, mas veremos isso mais adiante.

Nascimento (2011) prossegue trazendo alguns elementos importantes sobre o espaço público, o qual só pode receber esse título se verdadeiramente for incorporado nele a sociabilidade, o encontro.

O significado, associado ao valor que é dado a este local, são características indispensáveis a este espaço, pois se bem trabalhado juntamente com políticas públicas direcionadas poderá revelar posteriormente o sentimento de pertencimento. É necessário chamar a atenção para o fato de que o Estado não deve receber sozinho a responsabilidade de (re)criação destes lugares, mesmo estes espaços necessitando de uma nova reflexão e atualização. A sociedade civil também deve fazer e se sentir parte deste processo.

Neste sentido, Zorzi e Cerqueira (2011) fazem uma reflexão da importância da gestão de patrimônios culturais integradas aos interesses da sociedade civil, de forma que a mesma não se sinta excluída deste processo, tendo como um dos objetivos despertar o sentimento de pertencimento. Essa relação e este cuidado também podem ser incorporados a projetos que visem desenvolver o uso do espaço público de lazer.

A gestão do patrimônio cultural no Brasil e no mundo vem sendo tema de debates, conferências e ainda objeto de pesquisas que permeiam diferentes campos de pesquisa, tendo como objetos a preservação, a identificação e a valorização de bens culturais e naturais que de alguma forma despertam o sentimento de pertencimento em determinadas comunidades e grupos sociais. (ZORZI; CERQUEIRA, 2010, p. 2)

Portanto, podemos compreender que a cidade deve crescer proporcionando encontros, trocas, estabelecendo vínculos, sentimentos e lembranças, neste sentido as praças e demais espaços públicos de convivência têm um valor fundamental. Cada cheiro, gesto, ou alguma atividade de lazer produzida naquele local ficará guardada na mente do turista, e o mesmo propagará a experiência obtida na cidade visitada, sendo ela boa ou ruim e atraindo assim outros visitantes.

Para tanto, antes de tudo é necessário fazer uma reflexão. Entende-se que uma parcela da população não pode viajar, ou simplesmente não fez disso um hábito e nem ao menos tem a “possibilidade de um lazer construtivo e metódico”, se limitando a ficar horas em frente a TV, em bares entre outros hábitos, no qual caiu no senso comum de que isso é o lazer ou “cultura nacional” (ANDRADE, 2000, p.22) reduzindo desta forma o seu sentido.

Os espaços públicos são caracterizados por serem lugares que estimulam a comunicação. Desde assuntos políticos a assuntos considerados menos importantes são abordados nestes lugares por quem os frequenta. Desta maneira, quando se tem uma população que gosta de se limitar a “cultura nacional” é criada uma massa de meros expectadores os quais não conseguem criar um pensamento crítico a respeito do que acontece. Pois hoje em dia com a grande influência dos meios de comunicação, perdeu-se a capacidade de refletir sobre o que é transmitido, fazendo com que esses expectadores apenas reproduzam o que é noticiado.

Pensar sobre o espaço público é fundamental, para compreender o turismo que se desenvolve em determinadas regiões, pois este espaço é utilizado por turistas que desejam

desfrutar do lazer, assim como os moradores dos destinos turísticos. Nesse sentido entende-se que é preciso analisar os males que atividade turística pode trazer quando não é gerida de maneira apropriada, podendo criar uma exclusão dos residentes deste processo. Segundo Silva (2004) existem “guetos de lazer”, pois a comunidade local na maioria das vezes ficam afastadas dos atrativos, por morar longe dos mesmos e pelas taxas cobradas.

O lazer hoje funciona como uma moeda de troca, temos visto não muito raramente uma espécie de privatização do mesmo. Para ter acesso a esse “bem”, é necessário na maioria das vezes desembolsar algum dinheiro. Esse processo também acaba acarretando uma exclusão, dizendo quem pode ou não usufruir de algo que deveria ser direito de todos, já que o lazer é algo que está garantido na Constituição¹.

Com o passar do tempo, tem aumentado o número de pessoas com acesso a internet. Através de sites de busca, é possível ter informações das mais variadas e ainda conhecer alguns destinos turísticos por fotos, assistir vídeos e até mesmo comentários deixados por pessoas que já estiveram nos locais. Isto de certa forma acaba incitando o desejo de ir conhecer o lugar, criando um imaginário turístico, mesmo que em um primeiro momento não se tenha dinheiro para a realização da viagem idealizada.

Isso se deve a questão da informação a qual alcança um maior número de pessoas por meio da internet, televisão e outros meios de comunicação, criando um desejo de seus usuários de conhecer lugares. Através disso, uma parcela não se contenta em apenas conhecer pela internet, televisão ou outro meio de comunicação, muito pelo contrário, por esses meios elas são incentivadas a se deslocar e vivenciar pessoalmente uma cultura diferente da sua, aumentando desta maneira o fluxo turístico.

Este processo acaba influenciando também a competitividade entre os destinos turísticos. O turista tem se tornado cada vez mais exigente, deste modo cria-se uma necessidade de criar produtos mais elaborados e diferenciados aos diferentes segmentos turísticos focando sempre na satisfação do cliente, para que o mesmo propague a sua experiência de uma maneira positiva para que seja despertado no outro o interesse de visitar a localidade.

Existe então a necessidade de se explorar um turismo que evite essa exclusão dos moradores locais da atividade turística, pois sabe-se que quando isso ocorre a possibilidade de gerar conflitos cresce, e muitos são os fatores que fomentam esse embate. Dentro desta

¹ Capítulo 2 da Constituição Federal, referente aos direitos sociais, artigo 6°.

perspectiva de se desenvolver uma atividade turística menos elitista, Fortunato (2014) trás a ideia de um turismo solidário, com a criação de redes para fortalecer e organizar a comunidade que deseja se beneficiar da atividade turística.

Segundo Fortunato (2014), alguns municípios e associações de moradores tem potencial para investir no turismo, então a criação de redes vem como um aliado a estes interessados, pois essa ferramenta os ajudam a ser mais organizados e a ter uma participação, como também voz política ativa. Nisto, a rede Brasilidade Solidária foi criada para suportar e divulgar os interessados que desejam participar do turismo solidário e recebeu esse nome para atrair uma fatia do mercado que esteja interessada em ter um contato mais próximo com a população local e trocar experiências.

É sabido que o turismo pode ser olhado sob vários pontos de vista, entre eles o marketing, sociologia, biologia entre outros. Cada uma dessas áreas tem suas próprias metodologias, e os “6Vs” fazem referencia a elas. Por exemplo, no marketing temos os Ps (praça, preço, promoção e ponto de venda), assim o sistema que será falado a seguir que significam: visitação, vivências, vendas, vínculos, veicula o e valida o.

Em visita o, o autor explica que os roteiros são criados embasados no saber local, aproxima o visitante da real identidade territorial, e aquele que recebe a visita se sente valorizado, pois percebe que existe um reconhecimento do seu trabalho. Este processo atinge um dos objetivos do nosso trabalho, que   o pertencimento.

Vivências tem muito a ver com o aumento do nível de experiência, possibilitando encontros com o outro e consigo mesmo, aumentando suas chances de percep o do novo, diferente e desta forma estes turistas geram mais fonte de renda nestes lugares visitados.

Vendas está ligado ao mercado e conhecimento do público alvo. Neste contexto   destacada a importância do conceito de rede, pois esta ideia ajuda a promover o desenvolvimento local. Mas existe um diferencial, pois as vendas não são vistas apenas por uma perspectiva mercadológica e sim pelo campo social, pois possibilita compreender melhor o segmento que deve ser atingido e aqueles que desejam vender seus produtos mesmo que inicialmente não tenham condi oes para isso, aumentando sua qualidade de vida e se beneficiando da atividade turística.

Vínculos está associado ao empreendedorismo, e   sustentando por um pilar muito importante e ao mesmo tempo um desafio: mostrar para o conjunto de pessoas que trabalham na atividade, que elas não são concorrentes ou inimigas, e sim um grupo que deve trabalhar de

maneira unida. Esse é o principal fator, que na visão de Fortunato (2014) irá impulsionar a criação de vínculos entre estes agentes do turismo.

A veiculação é um “v” que tem uma responsabilidade com a parte socioambiental e problemas que atingem essa vertente. Aqui abre um espaço para dar importância a projetos que trabalhem no campo da educação ambiental, reduzindo os impactos causados por parte dos empreendedores e turistas.

Validação é a organização em torno do produto turístico, e esse tópico assim como os outros possui uma premissa própria, que é a seguinte: “possui uma política na perspectiva da Tecnologia Social?” (FORTUNATO, 2014, p. 67), pois na visão do autor um projeto turístico envolve questões filosóficas, políticas, a fim de proporcionar uma organização consolidada, espalhando a proposta inicial através das redes, e assim os turistas irão se beneficiar desta nova concepção.

Segue abaixo um fluxograma, que tem a finalidade de mostrar de uma maneira mais simples como funciona cada um dos “6vs”:

Fluxograma 1: Indicadores do Turismo Solidario



Fonte: www.brasilidadesolidaria.com

É necessário entender que a sustentabilidade econômica de um destino esta justamente na habilidade de descobrir algo novo, gerar novos atrativos, e um dos caminhos para se chegar a esse objetivo é estimular e exaltar qualidades do que já existe, não somente com a exploração econômica desenfreada e beneficiando grandes empresários, neste caso os espaços públicos de Teresópolis também devem ser levados em consideração em um planejamento turístico alinhando-os a outras potencialidades locais.

Nestes espaços públicos, mas especificamente nas praças são desenvolvidos saberes, tais como artesanatos, jogos de cartas e até mesmo gastronomia, não só nelas como nas lojas do entorno. É destacado nas mídias como o saber se torna atrativo em outras regiões do Brasil, aumentando o sentimento de pertencimento, de reconhecimento pelo seu trabalho. Para Urry (2001), “o turismo é significativo em sua capacidade de revelar aspectos de praticas normais, que, caso contrário, poderiam permanecer opacas”. (URRY, 2001, p.17)

Alguns destes vendedores escolhem como ponto de venda as praças, e outros espaços públicos, atraindo assim uma infinidade de turistas que não querem apenas ficar em seus quartos hospedados. Segundo Figueira e Dias (2011), satisfação do cliente não se restringe apenas ao produto o qual foi comprado, mas também a cidade em que este produto está inserido.

Nisto é atribuído um papel importante para as cidades, pois as mesmas possuem um papel fundamental no desenvolvimento da atividade turística, fazendo entender que o visitante não busca uma frustração, mas sim uma experiência agradável durante a sua estadia.

Somente com um adequado tratamento dos espaços públicos haverá um aumento da competitividade da cidade e uma consequente melhoria na qualidade dos visitantes e também dos residentes. (FIGUEIRA; DIAS, 2011, p.16)

Os turistas mais propensos a vivenciar a cultura local não se contentam em apenas ficar trancados em seus quartos, por mais confortáveis que os mesmos sejam, nem ao menos a restringir a sua experiência os produtos destinados a eles. Os seres humanos como seres sociais sentem a necessidade de conhecer outros hábitos, pessoas, artesanatos, gastronomia de rua, que na maioria das vezes só podem ser percebidos em espaços públicos.

Existe algo que pode desagradar um pouco a experiência dos turistas nestes espaços, como por exemplo, a degradação e os péssimos estados os quais são deixados. Há uma cultura

enraizada na mente do brasileiro de que assuntos como este devem ser de responsabilidade do Estado, e isso se confirma nos discursos repetidos pela massa.

Algumas barreiras que devem ser enfrentadas no que diz respeito à conservação dos espaços públicos, é também o fato de se encontrar dificuldade na organização da comunidade local, fomentando na mesma um sentimento de democracia e estabelecendo uma consciência de que o Estado deve nos servir, e não o contrário, estabelecendo assim uma prioridade aos interesses do povo.

Nisto, entende-se que quando um patrimônio está destruído ou mal cuidado, pode interferir na experiência turística de maneira negativa. Os cinco sentidos humanos estão fortemente ligados à hospitalidade. A hospitalidade é um estudo que visa entender as percepções do ser humano e suas expectativas. Nesta linha de raciocínio, existem alguns autores que irão contribuir com estudos para um melhor entendimento.

Os cinco sentidos da hospitalidade são: visão, paladar, audição, olfato e tato, através desses sentidos nos ajudam a identificar se um lugar é hospitaleiro ou não, os sentidos costumam ser subjetivos, pois algumas vezes variam de pessoa para pessoa. Um estudo feito por Campos (2008) nos ajuda a entender melhor este assunto.

Pela visão podemos contemplar o lugar, se é um lugar harmônico ao turista, se possui um conjunto paisagístico adequado. A visão está diretamente ligada ao recorte fotográfico do lugar, trazendo imagens a mente do local visitado, podendo trazer a tona lembranças, boas ou ruins. Logo, conclui-se que este fato é subjetivo.

O paladar é algo muito importante, pois através da gastronomia algumas pessoas são convidadas ao turismo criando fortes vínculos com a localidade, especialmente se a experiência for positiva. A gastronomia de um local não diz respeito somente ao paladar, diz respeito também com a integração cultural local.

Já a audição são as intensidades sonoras que vão atrair ou não um turista. A sonoridade em um determinado local engloba todos os sons urbanos, conversas e algumas das vezes são associadas aos sotaques. Sabemos que vivemos em um país continental e é impossível ter o mesmo sotaque e expressões em todas as regiões que são destinos turísticos. Também os sons naturais influenciam na audição, no caso de Teresópolis as cachoeiras entre outros atrativos de cunho natural são sons que poderão ficar registrados na mente do viajante. Esses sons são capazes de interferir na hospitalidade do local, de acordo com o que o turista

esteja procurando, podendo ser adequado ou não.

O cheiro de um lugar pode ser agradável, variando de pessoa para pessoa, isso pode contribuir trazendo boas lembranças. Todavia, em outros casos remetem a poluição, e é capaz comprometer a experiência turística. Nos casos dos espaços públicos, comidas como milho, pipocas e doces que são vendidos, podem fazer o turista lembrar da localidade quando sentir esse cheiro novamente.

Por ultimo, o tato. O tato é um sentido acarretado pelo contato físico, na hospitalidade o gesto mais comum é o cumprimento. E já que o turismo é uma atividade que visa aproximar a diferença entre povos, nos ajuda a entender que esse é um elemento muito importante para os deficientes visuais, pois através do tato eles podem ter uma ideia de como algo pode ser, este sentido para eles atua como a visão para nós.

A hospitalidade está ligada ao recebimento de diversas pessoas, com costumes e culturas diferentes, e convidá-las a serem inserida naquele meio. Pode-se dizer que este conceito é um dos principais fatores que fazem o turismo ser uma ponte entre diversas culturas, fazendo nascer o respeito entre os diferentes.

O senso comum tende a limitar a hospitalidade ao ato de oferecer abrigo e comida ao forasteiro, mas diante dos estudos sobre essa área do turismo, fica compreendido que seria reduzir por demais esse termo. Pois a hospitalidade é um dos fatores que ajudam a atividade turística compreender o bem estar do cliente e o atendimento das necessidades do mesmo.

A hospitalidade, que é um fato social engloba duas vertentes que são as seguintes: dar-e-receber, formando um ciclo que na minha visão é interminável. Esses dois componentes estão, portanto associados a dádiva, que em sua essência é dar, sem esperar nada em troca. (MAUSS, 1974 *apud* LANNA, 2000, p. 175)

A hospitalidade é um fato social assim como o turismo é um fenômeno social, e isso implica em um relacionamento interpessoal, em lidar com pessoas de diferentes grupos, culturas, gêneros e personalidades. Por isso acredito que essa categoria do turismo é um passo essencial para se colocar no lugar do outro, podendo ser intitulada de principio da alteridade, uma vez que a hospitalidade não está restrita apenas ao turismo, podendo ser levada também a ambientes corporativos, familiares, espaços públicos e etc.

Porém é uma visão muito inocente pensar que a dádiva é dar sem receber nada em troca no mundo capitalista o qual estamos vivendo. Camargo (2005) também afirma que “toda dádiva traz implícito algum interesse”, ou seja, espera-se que aquele que recebe (neste caso o

turista) retribua o que foi recebido, até porque o mesmo acaba se sentindo na necessidade de retribuir, ou na obrigação. Então fica entendido que a dívida é algo cíclico.

O fenômeno turístico está fortemente associada a lógica capitalista, e posteriormente, com a redução da carga horária de trabalho, torna-se possível desfrutar do lazer. Devo lembrar que essa conquista foi marcada por vários conflitos entre os trabalhadores e o patrão que explorava os seus empregados para que os mesmos produzissem ao máximo, sendo o tempo de trabalho exagerado. As jornadas trabalhistas eram de 12, 14 e 16 horas.

Com esse tempo livre, nasce a vontade de viajar e conhecer outros lugares, já que o ser humano que vive em sociedade tem a necessidade de estabelecer relações recíprocas, e com a conquista do direito ao ócio cresceram o número de lugares onde os trabalhadores pudessem passar tempo.

Aqui no Brasil, nos anos 70, nasce uma preocupação e um amadurecimento sobre o lazer, algo que o trabalhador passaria a utilizar em seu tempo livre. Várias atividades lúdicas começaram a ser pesquisadas mais a sério e o tema “lazer” ganha mais solidez. Junto a isso é feito um esforço para separar público de privado, e como Nascimento (2011) melhor explica, nasce a esfera social.

O tempo livre conhecido também por ócio começa a consumir atividades que sejam interessantes e nem sempre criativas, pois não são todos podem viajar para um destino desejado com sua família, pois o fator financeiro é algo que limita. Essas atividades feitas tornam-se interessantes no sentido de que pode-se achar lazer na sua própria cidade, especialmente nos espaços públicos.

O turismo ainda é uma atividade um pouco elitista, ou seja, só é consumido por quem tem dinheiro, mas se gerida de forma correta não é excludente. É um fenômeno característico da sociedade Moderna, garantindo novos empregos diretos e indiretos, que movimenta a economia de vários segmentos envolvidos com a mesma.

É necessário chamar atenção para o fato de que o lazer é um direito garantido por lei. A Constituição Federal de 1988 no artigo 6º diz que o lazer é um direito social, assim como a educação, trabalho e segurança. Mas quando levamos em consideração os espaços públicos que podem ser alternativas de aproveitamento do tempo vago, percebe-se que não tem qualidade na infraestrutura e poucas ou quase nenhuma atrações culturais oferecidas.

O turismo é uma atividade que sugere deslocamento. Desta forma, entendo que o morador de Teresópolis pode fazer turismo em sua própria cidade, assim como moradores de

outras cidades podem aproveitar um momento livre para fazer um passeio em sua localidade. Não acredito que turismo, necessariamente, só é feito quando se sai de sua cidade de origem. Milton Santos em sua obra “A natureza do espaço”, diz que:

O número de viagens internas é muitas vezes superior ao de deslocamentos para outros subespaços (...) A cidade é o lugar onde há mais mobilidade e mais encontros (Santos, 2009, p. 319)

A OMT (Organização Mundial do Turismo) afirma que a atividade turística é algo que as pessoas realizam em lugares diferentes dos de origem, por mais de vinte e quatro horas e inferior a um ano, envolvendo diferentes finalidades, sejam elas de lazer, negócios e etc. Esse trabalho não possui a finalidade de desconstrução desta definição, nem tão pouco dizer que este órgão está errado em propagar essa ideia, pois é sabido que a mesma trabalha com estatística e precisa de uma diretriz.

Porém, existe uma necessidade de trazer a esta pesquisa a noção de que o turismo está associada ao lazer, ou seja o morador local também pode desfrutar da sua própria cidade, seja indo a uma praça para fazer um piquenique ou no caso de Teresópolis, ir ao Soberbo tomar um caldo de cana e comer um pastel tendo como brinde a apreciação daquela bela paisagem.

A definição da OMT se preocupa apenas com um fenômeno social recorrente e se esquece de levar em consideração outros elementos que fazem parte do espaço. “À Geografia interessa independentemente de qualquer temperatura: tudo o que acontece no solo é campo de estudo seu” (Yágizi, 2009, p. 5). E como não existe a possibilidade de discutir turismo sem geografia, não podemos nos basear em meras estatísticas para definir o que é turismo ou não. Fica claro então, que não são apenas relações econômicas que devem ser dominadas pela comunidade local, mas sim relações de solidariedade e criação de outras tradições e laços.

2 O LAZER EM ESPAÇOS PÚBLICOS AO REDOR DO MUNDO.

Muito se pergunta o que deve ser feito para reabilitar um lugar que fora esquecido e abandonado pelo poder público e pelos seus antigos frequentadores. Um dos métodos para reintegrar esse patrimônio que fora esquecido é a revitalização. Se fizermos uma rápida pesquisa no dicionário Aurélio sobre o termo revitalizar, entenderemos que essa

palavra nos trás a noção de dar mais vida, recuperar, estimular e etc. e a população local percebe que falta um encanto, algo que possa continuar os atraindo a esses espaços.

O termo revitalizar significa dar a um lugar um novo significado, novo uso, enfim, reabilitá-lo afim de que sua reutilização e o interesse da população seja despertado para que possa ser possível a ocupação desses espaços, neste caso os espaços públicos da cidade de Teresópolis, dando novas opções de lazer ao cidadão, aproveitando a estrutura existente e também resgatando a identidade dos seus freqüentadores.

Porém esse processo não deve ser feito com interesse apenas econômico e muito menos liderados por quem tem um interesse específico por aquele espaço, pois isso pode acarretar em medidas drásticas e nada humanas, como no caso do Pelourinho na Bahia, onde a população local foi expulsa dali para não deixar o local com um aspecto “feio”, e agradar os turistas.

Desta forma a mudança feita dentro de um aspecto turístico não deve segregar e sim para somar, de forma que este produto formado possa ter um diferencial. Entendo que esse processo faz parte dos valores que podem ser agregados a cidade, dessa forma irá atrair novos turistas e quem sabe se tornar um referencial para outras cidades no quesito conservação dos patrimônios de uso comum. Assim, talvez terá uma potencialidade em criar novos atrativos para a cidade. Projetos como esses envolvem interesses políticos, sociais e culturais, ainda mais pelo homem ser o produtor do espaço.

Todos têm direito ao lazer e isso está garantido na constituição brasileira de 1988, em seu artigo 6º afirmando que “são direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição”, porém observando as condições, as rendas familiares e os recursos disponíveis aos cidadãos, posso dizer que isso não está alinhado, os recursos e esse direito não conversam entre si.

A falta desse direito pode resultar em uma deturpação da mente humana, restringindo-os a uma cultura de baixo poder intelectual, e a quase nenhuma possibilidade de conhecer novos lugares, pois o uso do espaço público e as atividades oferecidas gratuitamente nestes lugares de cunho cultural, ajudam a diminuir os reflexos das diferenças sociais, visto que os mesmos são democráticos.

Os espaços públicos, são considerados patrimônios, mas a falta de informação ou até mesmo o despreparo intelectual de quem freqüenta esses espaços, já se torna motivo suficiente para a degradação do lugar. Isso se torna maior, quando estamos acostumados com

o espaço, quando não parece ter muita importância, no que se diz respeito ao aspecto cultural, então percebe-se em uma maior escala a degradação desses bens, que são nossos. Tanto em cidades grandes, como em cidades pequenas, é notável o desleixo por parte dos freqüentadores a esses espaços.

Apesar disso tudo, é possível observar em alguns lugares a iniciativa da população em revitalizar espaços urbanos.

2.1 Edimburgo

Uma das cidades do mundo que obteve sucesso com a realização de eventos e por assim dizer, a utilização do espaço público é Edimburgo. Todos os anos, mais especificamente no mês de agosto, é realizado o Fringe.

Este festival foi criado em 1947, junto ao Festival Internacional de Edimburgo, porém o Fringe foi um movimento de resposta ao Festival Internacional, uma vez que estes artistas não foram convidados para participar do evento criado pelos até então líderes de Edimburgo.

O Fringe também tem um caráter cultural, foi formalizado pela sociedade naquele mesmo ano, e hoje se tornou uma instituição de caridade reconhecida, com o objetivo de ser um apoio para os artistas que se propõem a viajar para esta cidade durante o festival. A sociedade também atua junto aos festivais, criando a Creative Carbon Scotland a fim de reduzir os impactos ambientais negativos.

O festival de música de Edimburgo consiste também em dança, artes e teatro, pode-se dizer que é um espetáculo a céu aberto. As várias apresentações acontecem de forma simultânea.

É realizado no verão com a duração de três semanas, começando em agosto e se estendendo até setembro. Sites de viagens relatam que essa é a época do ano mais esperada pelos turistas.

2.2 Rio de Janeiro – Rio Comprido

No Rio de Janeiro por exemplo, mais precisamente no bairro do Rio Comprido, Zona Norte, grafiteiros resolveram montar uma galeria a céu aberto. Um grupo transformou uma antiga fábrica de equipamentos hospitalares, na Rua Itapiru, em uma espécie de ateliê, onde abriga spray, telas, cavaletes e os próprios artistas, que pretendem fixar ali a sede deste movimento. Este espaço foi batizado de Fábrica Rua, um modelo inspirado na LX Factory em Lisboa, Portugal, às margens do Rio Tejo.

O grafiteiro Tomaz Viana, mais conhecido como Toz, também adquiriu um imóvel no bairro no final do ano de 2010. A partir desta data, ele contribui para a revitalização do Rio Comprido, saindo todo o fim de semana para pintar nas ruas, fazendo assim, uma galeria a céu aberto. Ele concorda que a atual situação do bairro não é das melhores e aponta alguns problemas, como a falta regular da coleta de lixo, as inundações devido à chuva e a freqüente falta de energia, mas mesmo assim é uma boa alternativa para que deseja fugir da especulação imobiliária da Zona Sul. Toz ressalta ainda, que a sua arte tem chamado a atenção dos moradores locais, os quais tem o procurado pedindo para que faça o mesmo em suas casas. O grafiteiro se posiciona dizendo que “não cobro nada em troca da minha liberdade de expressão”. (Revista O Globo, 2013)

2.3 Rio de Janeiro – Morro da Conceição

Localizado na área central da cidade, mais precisamente na Saúde, o espaço tem sido favorecido pelo processo de revitalização da Zona Portuária, associada a uma valorização da cultura local, gerando desta maneira um sentimento de pertencimento.

A turistificação do Morro tem mudado o cenário presente e o perfil de seus visitantes. Antes frequentados por apenas acadêmicos, hoje se percebe pelas vielas da localidade grupos os quais são implementados por empresas privadas, criando novas oportunidades para guias e comerciantes das redondezas.

Segundo Gonçalves, existe um vínculo muito grande dos moradores com o lugar, e dos visitantes com os moradores, pois a hospitalidade da comunidade receptora é de impressionar e isso se reflete até no uso dos espaços públicos do bairro utilizados por não moradores como total cordialidade.

A Praça Major Valô é um exemplo desta interação da comunidade local com não locais, porém para os moradores, o espaço é conhecido como “praça da santinha”, onde está presente uma estátua da N. S. da Conceição.

A praça serve de palco não para a entrada de armamentos, como fora projetada originalmente, mas para reuniões populares do Grêmio Recreativo Banda da Conceição e do bloco Escravos de Mauá, que, em mágicos Balés do Lugar, congregam a população do morro e do “asfalto” em efusivas, sacolejantes e sonoras reuniões (GONÇALVES, 2013, p.34)

Percebe-se pelos relatos dos moradores um sentimento de carinho atribuído ao lugar o que afirma a definição desta categoria geográfica. Ou seja, lugar para a geografia está associada a troca do espaço vivido com o indivíduo e seus sentidos. É o cheiro, são as práticas, os espetáculos, atrelado ao uso que por sua vez irá traduzir essa produção espacial.

2.4 Lisboa – Portugal

A Ana Luiza Nogueira começou a fotografar frases de rua e mais tarde isso se tornou um projeto chamado Arte de Rua. Esse projeto começou com a mesma fotografando frases escritas pelas ruas de Lisboa e posteriormente ela as postava na internet. Logo recebeu milhares de seguidores e apoio da iniciativa privada que em uma parceria criaram bolsas, cartões postais entre outros produtos com essas fotografias tiradas em locais públicos da cidade.

Desta maneira ela acabou criando uma espécie de roteiro alternativo, pois em suas fotos contem na legenda o nome dos lugares os quais as fotografias foram tiradas. Isso desperta em alguns visitantes a curiosidade de visitar essas localidades.

Segundo a criadora deste projeto, essa é uma maneira de dar voz aos artistas da cidade, mas é claro que deve se tomar um certo cuidado, para que isso não se confunda com depredação.

2.5 Cuiabá – Mato Grosso

Em Cuiabá, crianças entre seis e nove anos deixaram as suas salas para participar de um aula ao ar livre. A idéia consistia na organização de um piquenique cultural, onde as crianças participariam de uma contação de histórias e teriam acesso a uma biblioteca

móvel. Essa iniciativa faz parte do projeto Contos do Mato em parceria com a Secretaria Estadual de Cultura (Figura 1).

Figura 1. Aula ao ar livre em Cuiabá



Fonte: www.g1.globo.com, 2014

Vejam como o espaço público pode ser desfrutado como alternativa na educação de crianças, jovens e adultos. Entender que praças são locais nos quais nós devemos intervir e utilizar é um grande desafio, mas projetos como esse tendem a chamar a atenção da criança em mundo onde tudo está voltado para a tecnologia e é possível ser feito em Teresópolis. Na opinião da professora Simone Nunes da Silva “esse contato externos dos estudantes é importante para a formação do aluno.”

2.6 Teresópolis – Praça Baltazar da Silveira

O projeto do Estado do Rio de Janeiro chamado Mais Leitura, que tem o intuito de democratizar o hábito de ler, vendendo livros a preços populares chegou ao município de Teresópolis e se apropriou da Praça Baltazar da Silveira, mais conhecida como Santa Teresa, para poder realizar a ação.

A ideia não é transformar o estande em uma livraria, mais sim disseminar a prática da leitura por um preço acessível, de livros que variam de R\$ 2,00 à R\$ 4,00 e de forma itinerante, visitando também demais localidades do interior do estado e as comunidades pacificadas.

Como a iniciativa foi feita em uma praça, proporcionou ao público um maior aproveitamento de conhecimento do que estava sendo oferecido. Houve uma grande movimentação e euforia por parte do público mais jovem que gosta de uma boa leitura, e pela oportunidade de comprar exemplares por um preço mais em conta que de uma livraria. (Figura 2).

Eventualmente também se apresentam nesta mesma praça, artistas a fim de expor os seus trabalhos, com muita música e alegria, distraindo quem passa ou até mesmo o público que fica ali em um momento de lazer para assisti-los. Desta forma, enquanto fazem o show, o público tem a oportunidade de comprar o cd daqueles que estão se apresentando.

Figura 2. Atividade na Praça Santa Teresa



Fonte: A autora, 2015

2.7 Festival de Inverno Sesc – Região Serrana

Este festival acontece anualmente na região serrana do estado do Rio de Janeiro, no mês de julho e já chega a sua 14ª edição, sempre com espetáculos de alta qualidade não só dentro do centro cultural, mas com também nas ruas. Neste ano não foi diferente, além da intervenção cultural Entre Saltos, a qual transformou as ruas da cidade em um palco, mostrando aos moradores o universo feminino no mundo contemporâneo, a direção também fez um circuito de praças, utilizando três destes espaços.

As praças escolhidas para a realização do evento, foram: Praça Higino da Silveira, localizada no Alto, Baltazar da Siveira, a qual foi referida na programação como praça Santa Teresa, localizada no centro, e a praça do Tiro de Guerra, situada no Bairro de São Pedro.

Diversos espetáculos foram apresentados nessas praças, aqui serão citados apenas alguns, como circo de Lampezão e Maria Botina (figura 3), que ocorreu no bairro do Alto, contando a história de um casal atrapalhado que viveu no sertão, com muito malabarismo, mágica e outras artes circenses. Na Várzea, centro da cidade, aconteceu uma oficina chamada Quase Cinema, que como o nome sugere e algo parecido, o artista usa de meios audiovisuais pra contar a história, além de fazer leitura de poemas com música. Já na Praça do Tiro de Guerra, o espetáculo Para Pedro encantou as crianças das escolas convidadas e os frequentadores com artistas de teatro-circo que dentro da dramatização disseram ter viajado o mundo todo até chegar a praça citada.

Figura 3. Festival Sesc de Inverno



Fonte: www.festivaldeinverno.com.br, 2015

2.8 Ferinha da Praça Baltazar da Silveira

Ao contrário do que muitos pensam, a feirinha da Praça mais conhecida por Santa Teresa, não é organizada pela Secretaria de Turismo do Município, mas sim, pela Secretaria da Mulher (Figura 4). Ela é organizada por mulheres que desejam vender seus artesanatos, ou até mesmo aquelas que são revendedoras de produtos de beleza. Ela ocorre aos finais de semana, porém por ser na parte central da cidade, pouco atrai os turistas, os quais se concentram no bairro do Alto, segundo o relato de algumas feirantes.

Foram feitas algumas tentativas de contato com a secretaria responsável por essa feirinha, e até mesmo com coordenadora, porém sem sucesso.

Figura 4. Feira na Praça Santa Teresa



Fonte: A autora, 2015

2.9 Igreja Matriz Santa Teresa

A igreja Santa Teresa (figura 5) fica localizada na praça Baltazar da Silveira, centro da cidade, no bairro chamado Várzea. Essa igreja foi construída no ano de 1855, porém nesta época ela se apresentava pequena, em forma de capela, porém a santa que a protegia era a Santa Claudiana. A nova matriz, conhecida atualmente foi inaugurada em 1940, sob o estilo gótico, com a presença de vitrais tchecos que representam algumas das passagens bíblicas de Jesus.

A igreja fica localizada em um local estratégico, no centro da cidade como foi dito anteriormente e onde se aglomera o comércio da cidade. Durante o dia é comum ver pessoas na hora do almoço ou intervalo passar o seu tempo na praça, sentadas na escadaria da igreja, como também estudantes de ensino fundamental e médio.

Figura 5. Imagem da Igreja Santa Teresa



Fonte: A autora, 2015

2.10 Feirinha do Alto – Praça Higino da Silveira

Não foi possível encontrar informações registradas e oficiais no que tange a estatística, ano de criação e assim por diante sobre a Feirinha do Alto. Algo inacreditável aconteceu ao entrar em contato com a Secretaria de Turismo, pois foi falado que informações sobre estatística deste atrativo turístico, ano de criação e etc. eram de cunho confidencial e as mesmas não poderiam ser passadas por e-mail ou telefone.

Primeiro, foi feita uma pesquisa na Feirinha com o coordenador da mesma. Mas antes disso foi feita uma observação pelos produtos que são vendidos. O que se vê em sua maioria são produtos que não são feitos pelos feirantes e sim comprados em outras cidades ou até mesmo em sites de venda chinês. A ex- feirante Silvia Miranda diz que há 20 anos atrás, predominavam a existência de produtos feitos pelos próprios moradores da cidade, mas que hoje em dia isso quase não existe mais.

Não tinha nenhuma pessoa no coreto principal para prestar informações turísticas e foi um pouco complicado para encontrar o Eliel Machado, atual coordenador da feirinha.

Perguntas direcionadas a ele do tipo “em que ano a este atrativo foi criado?”, foi respondida com incerteza, por falta de conhecimento por parte deste funcionário. As outras perguntas seguiram com o mesmo padrão de respostas, baseadas no “eu acho”. Ele se desculpou por não saber explicar e segundo o mesmo “essa data específica tem que ver lá no Soberbo, na secretaria, pois não tenho essa data em mente (...) se você quiser ir lá segunda-feira na parte da tarde, vai ter gente lá. Fala com a Sueli, com ela que fica essas informações.”

Diante desta fala, uma pergunta fica no ar: Como informações públicas ficam trancadas com apenas uma pessoa? Como a mesma foi delegada a única proprietária destes dados? Algo tão simples que deveria até mesmo ser prestado em site, para a ciência de todos os cidadãos teresopolitanos e pesquisadores.

No Soberbo, onde se encontra um centro de informações turísticas foi tido a oportunidade de conversar com a Sueli, responsável pelas informações que dizem respeito à Feirinha do Alto. Segundo a mesma, não seria possível prestar tais dados, pois eles tinham feito uma mudança e estava complicado fornecer tais informações.

Esse tipo de comportamento evidencia a postura dos profissionais que fazem parte desta secretaria de turismo, funcionários públicos que não conseguem entender que estão ali não para prestar um mero favor, mas sim, ocupam este cargo para trabalhar para o povo e não o contrário.

O que restou por fim, foi entrar em contato com uma das feirantes mais antigas, conhecida por Jana, o resultado obtido não é nada oficial, mas sim algo vivenciado pela mesma. Segundo ela, a feirinha “existe faz mais de 30 anos, já que temos um stand exatamente 30 anos. Mas ela já existia. Com pouco tempo, mas já haviam expositores quando chegamos. Foi criada no governo do Celso Dalmaso.”

Ainda segundo a mesma, quem mais consome artigos é o turista, pois “a feira é bem ignorada pelos moradores, só serve pra passeio de domingo no fim de tarde. São poucos que compram mesmo. Claro que uma barraca ou outra tem cliente fixo daqui.” Sobre o número de pessoas que circulam pelo ponto turístico, Jana diz que “É difícil dizer, mas tem registros de 4, 6 e 8 mil em feriados prolongados. Normalmente no inverno o movimento é maior.”

2.11 Bryant Park – Nova York, Estados Unidos

Esse espaço hoje conhecido como Bryant Park data desde 1686, quando ainda era uma colônia britânica, mas não tinha ainda este nome, pois era conhecido como Reservoir Square.

Tornou-se uma propriedade pública na mesma época, com gestão do governador de Nova York, Thomas Dongan

Porém, ao longo do tempo, este espaço foi perdendo sua identidade, o seu uso (onde a ideia principal era de preservar a tranquilidade mesmo em um ambiente urbano), e a administração pública também não demonstrava interesse por aquele espaço. Por isso, em 1974 a Comissão de Preservação dos Monumentos local, chama a atenção para o fato de que aquele espaço havia uma importância para a construção histórica daquela região, chamando a atenção para a questão arquitetônica, pois este parque havia sido projetado de acordo com as tradições clássicas francesas.

Apenas nos anos 80' que surge um interesse por parte dos irmãos Rockefeller de revitalizar o espaço por meio de um investimento privado. Então um grupo de pessoas com experiência em gestão pública retomam aquele espaço e criam um planejamento para a exploração do parque. Essa iniciativa trouxe de volta o interesse dos moradores e turistas de conhecer e utilizar essa propriedade pública.

Hoje, cada estação do ano é usada como atrativo e junto a isso acontece a movimentação do parque. No inverno, existe uma pista de gelo para patinação, no verão existe infinitas atividades, entre elas a exibição de filmes gratuitos, também existe a possibilidade de praticar aulas de dança, ioga ou tai chi.

Além desse investimento, a localização central do Bryant Parque contribui muito para sua movimentação. Ele fica no meio de Manhattan, e ainda está situado perto da Times Square e da zona de teatros, além também de estar próximo a Biblioteca Pública de Nova York.

No TripAdvisor, site utilizado para avaliação das acomodações e atrativos turísticos, o Bryant Park recebeu Certificado de Excelência, o título dado aos lugares que frequentemente recebem avaliações excelentes dos viajantes. Dentre os comentários, percebe-se que a “localização perfeita para quem está cortando os quarteirões da Manhattan. Adoro sentar para descansar e observar as pessoas que ali frequentam. Park limpo, com vários entretenimentos como jogos de mesa, livros, cafés e atrás da biblioteca.”

Também é percebido que o parque é muito utilizado pelos próprios moradores durante a semana, principalmente por quem trabalha nas proximidades, pois de acordo com um dos comentários “comprar algo para comer nas proximidades e ir ao Bryant Park, encontrar uma mesa (tarefa difícil na hora do almoço) e aproveitar para almoçar no local, curtindo a linda vista do parque e dos edifícios que o rodeiam, é sem dúvida um momento ímpar.” O parque

de acordo com os comentários, ainda consegue se manter no mesmo propósito inicial, pois continua sendo “um refúgio aconchegante em meio a intensa Manhattan, um lugar com cafês, mesinhas e cadeiras espalhadas e jardins lindos e floridos na primavera”

2.12 Belo Horizonte – Minas Gerais

Este município lançou um projeto para a cidade intitulado Adote o Verde, uma parceria entre a administração pública, iniciativa privada e a comunidade local, toda pessoa jurídica ou não pode participar (Figura 6). Este projeto tem com objetivo além da manutenção de praças, canteiros, jardins, enfim, todas as áreas verdes públicas, também de desenvolvimento da cidadania.

É possível a criação de áreas verdes nos espaços públicos, e segundo a prefeitura do município, a mesma fica responsável pela implementação de projetos e eventuais reformas, pagamento das contas de água e luz. As pessoas jurídicas e as empresas privadas que desejam fazer parte desta ação, podem colocar placas de suas empresas no local, desta forma propagam sua marca.

Em nível mundial, é impossível verificar que o setor privado vem se tornando um dos principais financiadores dos espaços públicos no meio urbano, de forma que os variados tipos de acordo entre este setor e o Estado podem gerar preocupações sobre a propriedade legítima dos espaços públicos de lazer. (FRANCIS, 2003 *apud* COSTA DA SILVA, Fernanda; LAY, Maria Cristina Dias, 2015, p.3)

Hoje essa articulação cuida de 300 áreas, uma delas por exemplo é o parque Juscelino Kubtscheck, fundado em julho de 1990 e atualmente ocupa uma área de 28 mil metros quadrados. Ele funciona como uma opção de lazer e conta com uma quadra para a prática de esportes, equipamentos de ginásticas, pista para caminhadas, área de convivência de pessoas com bancos e mesas brinquedos e etc.. Atualmente, este parque é adotado pelo Sindicato da Indústria da Construção Pesada no Estado de Minas Gerais (SINCEPOT –MG), buscando desta forma a valorização de sua marca, criando referência e cidadania.

É evidente que parceria do poder público com o privado podem funcionar, e que a adoção é uma das melhores formas de firmar esse acordo. Para que isso tenha sempre um bom

êxito e seja mantido de uma forma saudável, é necessário que se conheça as necessidades dos usuários, e que os interesses do poder privado não ultrapassem os da comunidade local.

Figura 6. Ação do projeto Adote o Verde



Fonte: www.portalpvh.pbh.gov.br

3. ASPECTOS CULTURAIS, NATURAIS, SOCIAIS DE TERESÓPOLIS

A cidade de Teresópolis é um município localizado na região serrana do estado do Rio de Janeiro, com 163.805 habitantes, segundo o senso mais recente realizado pelo IBGE no ano de 2010. Sabe-se portanto que o município não possui uma “identidade turística” definida, ficando então neste quesito um pouco atrás das suas vizinhas Petrópolis e Nova Friburgo.

Após o fenômeno natural ocorrido em janeiro de 2011, onde ocorreu uma série de deslizamentos em áreas com declividade devido a forte chuva típica desta época do ano, de imediato a atividade turística obteve um declínio. A construção de moradias nestas áreas ditas

como irregulares e a consequente retirada da vegetação presente neste local contribuíram para que a tragédia climática acontecesse.

Essa tragédia marcou também o início de uma instabilidade política na cidade. Na época do ocorrido, o prefeito da cidade era o Jorge Mário, porém o mesmo teve o mandato cassado por desvio de verba pública, destinado para amenizar os impactos sofridos. Então, o vice-prefeito assume o cargo, porém veio a falecer dois dias depois a sua posse, sendo assim, o presidente da câmara, Arlei Rosa assume a posição de prefeito. Nas eleições de 2012, o candidato Tricano venceu as eleições, porém o mesmo não pode tomar posse por estar impugnado, então o segundo colocado, Arlei Rosa, assumiu a prefeitura.

A população ainda anda receosa em ocupar determinados locais, e os turistas temiam em visitar o município, pois ainda carregavam em suas mentes as imagens da tragédia ocorrida. Neste sentido a Copa do Mundo no ano de 2014 foi um grande aliado para continuar mudando a imagem da cidade e alavancar o turismo junto às atividades realizadas pelo Convention Bureau, que é uma organização a qual atua na área econômica, captando eventos que visem promover o aumento do fluxo de visitantes em uma cidade.

Durante a Copa do Mundo a cidade recebeu a seleção brasileira na CBF e obteve um aumento no fluxo turístico devido a este evento, segundo fontes da imprensa local o crescimento chegou a 60% durante o período do Mundial. Porém não se teve notícias de projetos turísticos feitos antes de o evento começar, e muito menos para dar continuidade a esse aumento da atividade.

A cidade, realmente sentiu os impactos causados pelo mundial, e a projeção que a mesma teve não somente em território nacional, como também internacional. Mas para os moradores a falta de organização e planejamento foi muito evidente, como alguns relataram em conversas informais, o que mais foi percebido, foi o aumento do trânsito.

Contudo, a principal atividade econômica da cidade ainda continua sendo a agricultura junto com a pecuária, algo que vem desde 1821 quando o inglês George March comprou uma grande porção de terras e criou sua fazenda no bairro que atualmente é conhecido como Alto.

Outro aspecto importante a ser ressaltado, no que diz respeito a formação da cidade segundo FÉO (2010), é que o fato de que o então povoado conhecido como Santo Antonio era um lugar de passagem, que ligava a Corte a Província das Gerais e algumas pessoas acharam por bem permanecer na localidade.

A cidade começou a ficar conhecida e começou a se desenvolver na localidade agricultura, pecuária e veraneio.

A praça Higino da Silveira está localizada na Avenida Oliveira Botelho no bairro do Alto, mas a princípio não havia recebido este nome. Anteriormente chamada de Praça Maurício de Abreu, em homenagem ao Governador que teve um papel expressivo na história da cidade de Teresópolis, pois o mesmo teria inaugurado primeiro trecho da estrada de ferro, que estava localizada entre a Raiz da Serra e o Miudinho.

Nos antigos registros desta praça é ressaltada a presença de monumentos voltados para a construção da estrada de ferro, como a miniatura da primeira locomotiva a chegar ao município e o primeiro bebedouro instalado na cidade, o qual não existe mais. É registrado a presença de atrativos naturais, como os jardins por exemplo que agregavam valor a beleza paisagística da praça.

O patrono da praça, Higino da Silveira, era hoteleiro. Dono do Hotel Higino também localizado no bairro do Alto, ele lutava pelo progresso da cidade, e morreu no ano de 1915 aos 49 anos de idade. A sua propriedade foi passada à vários donos até ser extinta no ano de 1930 por um incêndio.

O primeiro registro da Praça Baltazar da Silveira aparece em 1856. Nesta época a praça não havia sido criada, mas já existia primeiramente a Igreja de Santa Claudina que mais tarde passou-se a ser denominada de Igreja Santa Teresa onde as pessoas se reuniam.

No dia 6 de julho de 1980, a praça recebeu seu primeiro evento. O Dr. Francisco Portela acompanhado de sua esposa e uma comitiva formada por outras autoridades, vieram a Teresópolis para assinar o decreto de número 280 criando o município.

“A pequena cidade vibrou! Pôs-se em festa! Ofereceu ao digno presidente do Estado a mais afetuosa e calorosa acolhida; prestou-lhes as mais grandiosas homenagens e honrarias.”
(Histórico da Casa de Memória)

A praça recebe um tratamento paisagístico em 1913, recebendo as primeiras obras e urbanização. Hoje ela também acolhe a Matriz Santa Teresa, devendo ser a única construção no local.

No ano de 2004, um jornal local trás a notícia de que o prefeito responsável pela gestão da cidade resolveu investir no “embelezamento da cidade”, colocando sinalização e pintura nas praças em destaque e nas demais ruas da cidade e a autoridade ainda ressalta o inserção de asfalto nas vias, como se isso fosse sinônimo de progresso.

É necessário atentar para o fato de que os teresopolitanos não chamam essa praça pelo nome registrado, Baltazar da Silveira, e sim a consagraram pelo nome de uso que é Santa

Teresa, a padroeira da cidade. A propriedade também é palco da festa anual da Santa, recebendo parques, vendedores ambulantes e afins. Uma festa tradicional de cidade pequena que deveria entrar para o calendário de eventos da cidade e reafirmando o motivo de ser chamada pelos moradores por tal nome.

Baltasar da Silveira foi o segundo governador constitucional do Estado do Rio de Janeiro, uma figura que se destacou na Guerra do Paraguai e posteriormente foi sucedido por Dr. Francisco Portela, citado anteriormente, como o emancipador de Teresópolis. Em contrapartida, Teresa de Jesus foi designada pelo Papa Paulo VI, e tem regido a fé dos moradores locais.

Ao que parece a cidade ainda não tem uma identidade turística definida, são variados os discursos sobre a segmentação turística de Teresópolis. Em entrevista a Professora Michelle Broinsten confirmou esse fato. “Teresópolis é uma cidade universitária, é a cidade dos festivais, é a cidade dormitório? Esses discursos precisam se alinhar.”

Ao que parece identidade não é tão importante para o turismo consumido hoje. Cada vez mais se nota a criação de simulacros na necessidade de satisfazer desejos e atrair visitantes a qualquer preço. Um exemplo disto é um hotel de luxo criado na África do Sul para turistas vivenciarem a pobreza, recriando um cenário de favela, com barracos feitos com os mesmos materiais dos mesmos na região. De acordo com o site Pragmatismo Político, a experiência adquirida pelo visitante pode ser “autêntica”.

Hoje, Petrópolis é o principal portão de entrada da Região Serrana. Sites como o UOL, reconhecem essa cidade como um dos principais pontos turísticos do Estado do Rio de Janeiro. Aqui no Brasil, de acordo com Maria Silva, a ideia de autenticidade está veiculada facilmente a Patrimônio Histórico, pois isso nos leva a pensar em algo relacionado a herança. No século XIX, a cidade era frequentada por personalidades como o imperador Dom Pedro II e até hoje o município carrega o título de Cidade Imperial.

Essa poderia ser a primeira hipótese por Teresópolis ficar atrás (turisticamente falando) de Petrópolis. A cidade não possui um Patrimônio Histórico expressivo assim como sua vizinha, não possui museus conhecidos, acervos de personalidades da família imperial. Mas algo curioso, é que o município durante toda a sua trajetória, obteve uma boa representatividade não só no estado do Rio de Janeiro, mas como também no Brasil, tanto que no século XIX, o Sr. Francisco Portela (governador do Estado do Rio) manifestou um desejo de fazer Teresópolis a capital do estado.

Atitudes como esta, demonstram a importância e o prestígio de Teresópolis no cenário político, quando na mesma época foi autorizada a construção da estrada de ferro, que iria resultar em vantagens econômicas.

Nova Friburgo por sua vez, é conhecida como uma cidade colonizada por Suíços, uma autorização concedida por Dom João VI para que esses pudessem povoar a cidade. Posteriormente, houve a chegada de portugueses italianos e sírios que elevaram a colônia ao posto de cidade. De acordo com o famoso Guia Quatro Rodas, a localidade conseguiu se posicionar com o comércio de roupas íntimas e mesmo depois da tragédia o município conseguiu se reerguer.

A segunda hipótese por Teresópolis também ficar atrás da sua vizinha Friburgo, poderia ser a falta de segmentação turística. Hoje em dia prega-se muitos discursos sobre a cidade, mas falta entender o que a cidade realmente oferece aos seus visitantes e a necessidade de colocar em mente que além da herança histórica ou comércio “as edificações, as ruas, as praças, os jardins, o sol, a montanha, o mar, o clima, quase tudo, enfim, pode ser de interesse do turista e objeto de consumo.” (Silva, 2004, p. 38)

Mapa 1. Mapa da Região Serrana do Estado do Rio de Janeiro



Fonte: oglobo.globo.com

Daí começa a ser entendido que a Educação tem um dever fundamental neste processo. Uma Secretaria de Turismo não pode trabalhar sozinha. Ela precisa conversar com outras secretarias e ONGs com a finalidade de preservar o que pode ser objeto do consumo

turístico, como por exemplo a praça que é um espaço público e que não é só de responsabilidade da Esfera Pública cuidar destes. Por isso o processo de desenvolvimento turístico precisa ser participativo, pois essa é uma atividade onde ninguém consegue fazer nada sozinho.

Secretarias de Educação e Cultura também devem fazer parte do desenvolvimento turístico, alinhando propostas que envolvam a população. Aqui na cidade também existem movimentos como o Florir Teresópolis, da CEAT (Centro de Ecologia Aplicada a Teresópolis) que tem o objetivo de plantar flores em canteiros com a finalidade de deixar a cidade mais alegre e melhorar a sua estética, como em Gramado por exemplo.

Educação é profundamente isto: motivar o desdobramento das potencialidades do educando, acreditando sempre que seu desenvolvimento depende menos do mestre, do que da iniciativa e da criatividade próprias. Até mesmo o simples fato de que a comunidade sobreviveu historicamente, subsiste em meio a um ambiente adverso, luta para existir, significa alguma potencialidade, que a opressão dominante ainda não conseguiu extirpar. (DEMO, 1999, p.91)

Arborizar a cidade é uma bela estratégia, já que Teresópolis é cercada pela natureza. Ao chegar ao município, o turista se depara com a quantidade de verde que o cerca, e o Soberbo se torna parada quase que obrigatória tanto para os que irão pernoitar como aqueles que estão de passagem, já que a cidade é atravessada por uma das estradas que levam ao nordeste brasileiro entre outras localidades

Também chamar a atenção mais uma vez para o fato de que a atividade turística em Teresópolis teve um declínio logo após a tragédia. Segundo relatos da Ana Maria Machado, integrante do Convetion Bureau do município, os turistas ficaram com receio de visitar a cidade depois do ocorrido e muitas pessoas ligadas a área hoteleira ficaram desempregadas, pois não havia taxa de ocupação para manter os meios de hospedagens. Na opinião da mesma, este imaginário foi fomentado pela mídia, passando para as demais localidades uma imagem negativa de Teresópolis. “A tragédia foi em janeiro, mas em março fui a um evento em São Paulo onde as pessoas vinham me dar os pêsames pela perda da cidade e dos patrimônios. Um imaginário que foi reforçado pela mídia.”

A Ana Maria ainda contou que foi feito um intenso trabalho de divulgação nos congressos e encontros dos conventions, para reverter o cenário o qual Teresópolis estava inserido. Segundo a mesma, a copa ajudou a deixar um bom legado para a cidade, onde a

mídia divulgou a atual situação do município, mudando desta forma a antiga imagem dada a localidade.

Mas o trabalho de divulgação da cidade e a tentativa de encaixa-lo de volta ao turismo não coube apenas ao Convention, mas também a própria sociedade civil que se organizou e formou grupos com o objetivo de fomentar a atividade turística. Alguns exemplo desses grupos é a Associação de Voluntários de Teresópolis (ATMAV – Leões da Serra), Família Intuitiva Solidária (FIS) e Conheça Teresópolis. Cada um desenvolve seus projetos, alguns em parceria e outros não.

O ATMAV teve como principal objetivo de juntar voluntários e desta maneira mostrar as famílias que estavam encaixadas naquele cenário de abandono por parte do poder público, que eles não estavam sozinhos. Hoje eles ainda colocar sua confiança neste grupo que de uma maneira direta ou indireta salvaram as suas vidas. “Nas primeiras semanas da tragédia, estávamos todos juntos no Ginásio do Pedrão voluntariando, e percebi que o trabalho voluntário não estava tendo o apoio merecido do poder público.”

O turismo entra para este grupo como um aliado na tentativa de reverter esse quadro e como estratégia de aproximação dos visitantes que ficaram assustados com o cenário o qual Teresópolis estava. A mídia estava fomentando uma imagem de que a cidade estava destruída e esse boato foi se espalhando. Essa situação começou a incomodar o Paulo Nonô, criador do projeto o qual começou a caminhar pela cidade e ver que era mentira os discursos reproduzidos. Então o mesmo começou a gravar vídeos, tirar fotos e colocar na internet e mostrar que Teresópolis ainda continuava com o potencial turístico que sempre teve.

O FIS (Família Intuitiva Solidária) surgiu com o mesmo contexto, de apoiar as famílias durante a perda, porém o amadurecimento do projeto os direcionou para a educação ambiental. Eventualmente este grupo promove passeios com crianças pelas áreas rurais e trilhas, com o objetivo de ensiná-los a necessidade da preservação de ecossistemas.

Assim como o ATMAV, o FIS entra em contato diretamente com a realidade das vítimas da tragédia ocorrida em 2011. A líder deste projeto, Jennifer Rodrigues, conta que essas famílias foram abandonadas pelo poder público, e que coube a sociedade civil fazer algo para que as mesmas não pudessem ficar totalmente desamparadas. E ainda relata que “essas famílias ainda ficam com medo de ocupar lugares de risco, mas o que elas irão fazer?”. Isso demonstra a total falta de planejamento da cidade, fruto de uma instabilidade política que deu início em 2011 e perpetua até este ano (2016).

O que chama a atenção em Teresópolis é esse aspecto verde, de natureza. Seria muito importante que a iniciativa pública e privada apoiassem projetos como esse que não recebe verba alguma. São pessoas que estão envolvidas nisso por amar a cidade e acreditar nesta causa.

Projetos que ajudem na questão da preservação ambiental têm um caráter favorável para o desenvolvimento desta atividade no município, já que o turismo se apropria destes atrativos. Entendo também que esse projeto educacional mesmo voltado para o meio ambiente, o que é aprendido não fica somente ali, mas se expandem para a conscientização da necessidade de cuidar dos patrimônios e espaços públicos, assim como a Praça Santa Thereza e Higino da Silveira que tem uma forte expressividade no município.

É bom lembrar que Agenda 21 Local, é responsável por criar um planejamento participativo de desenvolvimento sustentável de um determinado território, composto por governo e sociedade civil. Segundo as informações obtidas no site deste instrumento de eficiência socioeconômica, é afirmado que Teresópolis “maior produtor de hortigranjeiros do Estado do Rio de Janeiro, em volume, e o maior fornecedor de olerícolas folhosas para as Centrais de Abastecimento do Estado do Rio de Janeiro (Ceasa-RJ)”.

Mesmo com toda essa representatividade, surpreende saber que a atividade agrícola junto com a pecuária representa apenas 9% da economia. Ainda segundo o site, no ano de 2008, a produção de tomates e tangerinas obtiveram destaque, juntamente com a criação de aves, bovinos, eqüinos e vacas ordenhadas.

A receita obtida pelos agricultores não garante a sua sustentabilidade econômica e muitos deles tem abandonado essas práticas. Nota-se, portanto, a falta de políticas públicas direcionadas a esse setor, de valorização da atividade.

O projeto Conheça Teresópolis tem o objetivo de convidar os simpatizantes da fotografia, sendo eles moradores, turistas os apenas as pessoas que estão de passagem pela cidade (já que o município serve de passagem para outras localidades), mostrar as belezas desta cidade por ângulos diversos e colocá-los em uma rede social muito utilizada com a hashtag #conheçateresopolis. Desta forma a foto é colocada no perfil deste projeto, garantindo um fortalecimento da identidade da cidade. Sabe-se que a fotografia é um forte aliado ao turismo, muito mais ainda nesta era digital, pois ao postar as fotos, é estimulado em outras pessoas o desejo de conhecer a localidade.

E isso não refletiu apenas no turismo, é necessário fazer uma reflexão sobre a população receptora da atividade, que ficou abalada após alguns deles terem perdido suas casas por construírem as mesmas em áreas de risco.

Na praça Higino da Silveira acontece nos sábados, domingos e feriados uma feira de artesanato, conhecida como Feirinha do Alto.

4. PERCEPÇÕES DO ESPAÇO PÚBLICO DE LAZER EM TERESÓPOLIS

A apresentação do questionário foi feita a partir de seis perguntas, sendo elas: Como as pessoas percebem o espaço público? Você usa o espaço público? Você gosta dos espaços públicos da sua cidade? Você acha que os espaços públicos de outras cidades são mais bonitos que os daqui? Você acha que existe lazer nos espaços públicos de Teresópolis?

O questionário foi aplicado a três grupos, sendo chamados por grupos A, B e C. O grupo A é composto por professores, coordenadores, enfim, pessoas que de alguma forma estão envolvidas na área da educação. O grupo B será composto por pessoas e líderes que fazem parte de ações promovidas por ONG's e também por organizações privadas que promovem atividades em espaços públicos. Por fim, o grupo C é formado por pessoas que efetivamente freqüentam os espaços públicos. A partir dessa pesquisa de campo foram percebidos os itens a seguir.

.Por meio das percepções dos entrevistados buscamos compreender os significados dos espaços públicos, identificar se existe ou não um sentimento de pertencimento por parte da comunidade local e como este espaço pode tornar-se melhor quando apropriado pelos moradores do município e contribuir com o desenvolvimento turístico de Teresópolis.

No grupo A existe a participação de educadores das escolas Higino da Silveira e Euclides da Cunha; os entrevistados do grupo B foram o Fabiano Serafim, assistente administrativo responsável pelo programa PCG do SESC Teresópolis, a Michelle Bronstein coordenadora de cultura da ProArte e o Ivo Bernardo, professor de Artes Circenses da Casa de Cultura Adolpho Bloch. Os participantes dessa pesquisa do grupo C são os frequentadores das praças.

É importante ressaltar que como a cidade está vivendo um momento político delicado, algumas pessoas (em sua maioria da educação) ficaram com medo de expressar a visão da

instituição sobre o assunto abordado e preferiram falar sua opinião pessoal sobre o tema pesquisado. Já alguns funcionários de outras empresas, falaram abertamente sobre os projetos da organização sobre a qual está inserido, e como a mesma atua em espaços públicos.

Grupo A	Grupo B	Grupo C
Educadores	Organizações que promovem atividades em espaços públicos.	- Frequentadores (comunidade local) - Turistas

4.1 Participação nas atividades culturais

O SESC é uma organização privada que recebe a colaboração dos comerciários, e tem como seu objetivo difundir o lazer e a cultura no meio o qual está inserido. A unidade de Teresópolis tem promovido atividades com este fim, tanto no seu próprio espaço localizado na Avenida Delfim Moreira 749, que dispõe de um teatro, quadra de esporte, piscina, aulas de pilates, dança e etc. como também em praças, escolas e afins.

A partir desse questionário, constatou-se que as pessoas “tem um pouco de medo de conhecer os espaços em si. Vamos colocar o nosso próprio espaço SESC, ela tem um pouco de medo de entrar, por ser um local bonito, de ter uma segurança, de ‘eu não posso estar naquele local’ e sempre se diminuindo e com medo de enfrentar aquele problema do conhecimento.”

O medo então pode ser detectado como a primeira barreira que não permite que as pessoas conheçam algo novo, pois aquilo de alguma forma é estranho e não faz parte do seu cotidiano, fazendo com que o mesmo pense que esse tipo de atividade ou espaço são para pessoas com maior poder aquisitivo e não para ele que de alguma forma ajuda a sustentar uma empresa como esta.

Outro ponto que foi notado, é que existe uma desconfiança por parte dos frequentadores ao participar de atividades oferecidas em espaços público, “pois a pessoa pergunta se ela pode, por que ela pode, ela sempre coloca várias barreiras pra usufruir daquele espaço. Se a gente coloca uma atividade dentro de uma praça, ou dentro de qualquer outro espaço urbano ou rural, a primeira coisa que ela pergunta é se é gratuito e segundo se ela pode participar daquela atividade.”

A organização SESC também possui atividades que são levadas para dentro de escolas, porém quando isso foi implementado pela primeira vez foi diagnosticado que existia “uma resistência, as pessoas tem medo da palavra parceria, e ainda quando você fala parceria cultural a pessoa se assusta, mesmo tendo o nome SESC envolvido nisso.”

A arte de rua, que na minha visão contribui efetivamente para a construção cultural da cidade, também realiza alguns eventos em praças e em outros espaços públicos. “A gente realiza já vai para a terceira edição, o dia nacional do circo e todas as ações são praticadas em espaços públicos, praças, calçadas, ruas de pedestres... a gente trás atrações de fora da cidade, de circo também, engloba colégios a isso aí, associação de síndrome de down e a gente convida a todos eles para poder ocupar a praça conosco e movimentar uma cadeia produtiva que seja democrática.”

Foi percebido também que outro tipo de núcleo também se mobiliza para ocupar as praças, porém não recebe um incentivo do governo local para divulgar essas ações. A atividade turística não pode ser feita de forma egoísta, mas sim planejada pensando no bem geral de todos.

Já para a diretora adjunta do Colégio Estadual Higino da Silveira, Veronica Matheus, existe um interesse de aliar os projetos executados, com espaços que tenham a ver com o que está sendo proposto no ano letivo. Segundo a mesma, Higino, uma instituição que acolhe apenas alunos do ensino médio, está desenvolvendo neste ano um projeto relacionado ao recurso natural água. “Existe um interesse por parte dos docentes de apresentar esse espaço. Nós incentivamos aulas passeios, porém seguimos uma legislação e temos um número limite de aulas que podem ser feitas fora da sala.”

4.2 Desinteresse e (des)conhecimento das atividades realizadas

Por meio deste trabalho de campo, averiguou-se que as pessoas não possuem um interesse ou até mesmo um conhecimento das atividades realizadas nos espaços públicos da cidade, ou só são divulgados aqueles eventos que possuem um prestígio pelo interesse público. Os criadores dos projetos direcionados as praças entendem que deve existir uma política de “não divulgar apenas o evento de ‘fulano’ e deixar o outro que é da oposição de fora, porque essas panelinhas acabam ‘quebrando.’”

Também foi diagnosticado que o espaço público acaba sendo “um lugar de ninguém”, uma fala que se repetiu bastante durante a aplicação do questionário. Os entrevistados

conseguem identificar que os moradores de Teresópolis “infelizmente não se sentem responsáveis pelo ambiente” e que ainda existe uma cultura do “‘não vou me envolver’ prevalecendo, e assim sendo impede cobranças para melhoria de logradouros, praças e áreas comuns.” Ou seja, por meio desse comportamento de impessoalidade, indiferença, não se sentir parte das ações realizadas, acaba anulando o direito de reivindicação por melhoria destes lugares.

No caso do SESC, por exemplo foi identificado que as famílias que recebem menos de três salários mínimos beneficiadas pelo programa PSG (programa de comprometimento e gratuidade), “a gente ainda continua tendo uma certa resistência, porque a gente tem uma carteirinha de quem faz parte do programa. Só que as pessoas ainda se questionam se podem entrar no SESC pra fazer a retirada do seu ingresso totalmente gratuito.”

Cabe lembrar que na entrada principal deste centro cultural sempre tem uma espécie de banner que carrega as principais atividades a qual a casa receberá e ainda no interior do Palacete Granado, que também faz parte da unidade, pode-se perceber a presença de informativos que carregam consigo todas as informações mensais.

4.3 Divulgação das atividades no espaço público

Quando se fala em cidade e o uso do espaço público, temos que entender que diferentes pessoas, adeptas a estilos mais variados possíveis irão usufruir daquele local e faltam atrativos. “Teresópolis necessita de uma divulgação melhor dos espaços, pra que as pessoas possam ter outro tipo de opção, já que a gente trabalha com várias tribos, e que a gente consiga interagir com esses outros grupos e hoje Teresópolis não tem isso.”

Para outro entrevistado “a cidade carece de lugares de encontros, a praça olímpica foi destruída e era um espaço interessantíssimo de convivência de várias tribos da juventude. Não temos muitas opções de lazer, esporte e arte, um anfiteatro aberto seria um excelente espaço de encontro e socialização.” Então podemos perceber que essa ideia da cidade ser um espaço de convivência coletiva, ainda é um potencial.

Um jovem entrevistado em um momento distinto, dá suporte a esta afirmação, pois ele diz que frequenta “a Praça Baltazar da Silveira e frequentei a Praça Olímpica até ela ser fechada. São os melhores espaços de interação pra juventude” por ser um lugar central e

se localizar próximo a duas escolas estaduais e outras da rede privada, e também por ser convidativo e utilizado por grupos de capoeira, grupos de raps e outras manifestações culturais da cidade.

Na visão da diretora adjunta do Colégio Estadual Higino da Silveira, é entendido que os espaços até são interessantes, porém pouco atrativos, levando-a a entender que “o pecado está na divulgação”.

4.4 Política Pública para fortalecer o uso dos espaços públicos

Por meio dessa pesquisa, foi percebido que não se tem como concretizar a atividade turística sem diálogo com a comunidade local e com as secretarias envolvidas. Hoje o município segue sem o mínimo de planejamento nessa área e como diz o dito popular fica “dando tiro no escuro”, por falta de uma diretriz, pois “na verdade não existe uma política pública municipal, nem da secretaria de turismo e nem da secretaria de cultura... Se existe essa política ela não é integrada.”

Além disso, constatou-se que a cidade ainda tende a se apoiar em rótulos recebidos no passado, faltando uma identidade turística atual e uma reafirmação da mesma. “Então Teresópolis é o que? É a cidade dos festivais? É a cidade do Dedo de Deus? É a cidade turística? Pode ser que a identidade de Teresópolis seja justamente essa mistura, mas isso não é nem explorado turisticamente, o que seria um grande diferencial.”

Percebeu-se também que os entrevistados não sentem por parte do poder público um investimento na cidade para atrair lucros através de projetos implementados, e é sabido que “existem cidades que investem mais nessa parte do turismo, da cultura, elas conseguem ter ganhos financeiros, econômicos, sociais.” Outra entrevistada também tem essa mesma opinião, ela ainda diz que “Teresópolis usa muito pouco os espaços públicos, geralmente o carioca ou visitante que utilizam mais do que os próprios moradores.”

Por outro lado, foi percebido que a população também deixa a desejar, pois ficam esperando todas as propostas partirem do poder público, evidenciando uma falta de organização da sociedade civil. Mas uma pequena parcela da população já percebeu a necessidade de se manter estruturados neste sentido e participar “de políticas públicas sempre visando o bem comum, seja por meio de associações civis, de moradores, sindicatos, etc.

Participo de intervenções, mobilizações para pautas específicas na esfera social. É nosso dever”

Foi diagnosticado que a cidade não “tem uma agenda cultural ativa que de fato envolva e agregue todos esses espaços públicos, os mais variados.” O que a cidade de fato oferece são barzinhos e outros tipos de setores aliados ao segmento de alimentos e bebidas, mas uma parcela da população fica presa apenas a atividades de baixo teor cultural por conta da falta de incentivo às atividades que poderiam estimular suas criatividade.

Em contrapartida é visto um desejo de parte da população de ocupar estes espaços, existe uma sede por programações culturais, o que leva a um entrevistado a entender que “ainda que pouco desenvolvido, existe lazer. Quase sem estímulo do poder público, mas o povo sempre inventa algo como a roda cultural que se realiza na praça de alimentação da Feirinha do Alto.”

Foi entendido também que para o grupo A, representando por pessoas que estão envolvidas na área da educação, como professores e afins que “em algumas cidades é dado uma abertura maior para feiras e artistas de rua”. Ficou claro que algumas cidades não pode ser feita uma comparação muito acirrada com a nossa, pois existem aspectos diferentes que devem ser levados em consideração como por exemplo o tamanho, os aspectos naturais, culturais e etc.

Na visão dos frequentadores “o jovem daqui que não tem a condição financeira pra pagar algum esporte, ele não tem praticamente nas praças nada”, pois não existem políticas públicas que desenvolvam nessas localidades disseminação do esporte “algo que sabemos que afasta os jovens das drogas e de tantas coisas ruins.”

Um jovem o qual o questionário foi aplicado, deu uma resposta também apontando este problema e o descaso do poder público em valorizar estes espaços, pois para ele e seus amigos, hoje este lugar é visto pela maioria “apenas como uma ‘praça’ ou um local onde possam se sentar para conversar, ou para comprar coisas e etc.”, fazendo com que os mesmos achem a cidade um lugar entediante e não vendo nestes espaços um lugar especial que desperte seu amor pelo município, criando vínculos e despertando o sentimento de pertencimento.

Neste sentido, ainda foi detectado outro ponto importante em uma das falas, mostrando que “alguns deles (espaços públicos) que são muito usados não apresentam muitas possibilidades, como por exemplo a Praça Santa Tereza, e o espaço público que mais era desfrutado por jovens e todos da cidade era a Praça Olímpica, que trazia uma área de esportes

para jovens e um parquinho para as crianças, está totalmente fechada e passando por uma reforma que não anda, e nem acontece aliás, num lugar que fica praticamente no centro de nossa cidade, lamentável!”

Este trecho da pesquisa aplicada, mostra a indignação da maioria dos moradores da cidade, um projeto foi apresentado a comunidade e a expectativa ficou, porém a obra não anda e muitos se questionam o que está sendo feito com o dinheiro público, restando apenas a lamentação. Como esta praça fica no centro na cidade, oferecia a possibilidade dos jovens praticarem esportes na quadra após a saída da escola, como também outros grupos a utilizavam para oferecer aulas de cunho esportivo coletivamente, assim como a capoeira.

Notou-se também que não existe um projeto para a melhoria contínua da feirinha, e de otimização e reconhecimento do trabalho do artesão que compõe esse atrativo turístico. Na percepção de uma das frequentadoras da Feirinha do Alto, é entendido que “poderia ter mais conforto, nas barraquinhas das artesãs, porque no frio é muito frio e no calor é muito calor. São tendas plásticas e as pessoas estão ali valorizando a cidade e trabalhando, mas eu acho que elas merecem mais respeito.”

Uma entrevistada também ressaltou a tentativa de fazer da praça Baltazar da Silveira, um lugar para recepcionar outra feirinha de artesanato, mas que por meio da fala percebe-se que a mesma também precisa de um maior planejamento. “Tirando a feirinha eu simplesmente... tem a praça Santa Teresa, que agora também vem sendo explorando também de feirinha, mas fica muito aquém de realmente um espaço de lazer, de criatividade.”

Algo que me preocupou durante as entrevistas, foi a resposta dada a pergunta “Como as pessoas percebem o espaço público?”, em sua maioria a resposta foi “Como um lugar inseguro, somente de passagem.” Outra pessoa respondeu algo muito parecido, ela diz que “na nossa cidade a rua é um ambiente de passagem, de idas e vindas, chegadas e partidas, mas na verdade você não vê ali um desfrutar. Nem a Calçada da Fama que foi feita com essa proposta, ela virou muito mais um lugar de passagem do que um lugar de permanência.”

Esse tipo de resposta reforça a necessidade de políticas públicas direcionadas a esses lugares, para que a população possa começar a enxergar esses espaços como um lugar de encontro, de vivências, a fim de acabar com esse crença de que o espaço público é perigoso, onde te deixa exposto a sofrer algum tipo de violência ou só um lugar de passagem. É bom começar a entender que o espaço público tem muito a oferecer.

4.5 INFRAESTRUTURA DOS ESPAÇOS PÚBLICOS

Foi identificado que existe uma insegurança na maioria das vezes de frequentar as praças por falta de acessibilidade, especialmente a noite. Pois as mesmas carecem de iluminação, impossibilitando que esses lugares sejam frequentados quando começa a escurecer, ou quando simplesmente precisa-se passar por ela por ser a rota de algum destino.

Uma frequentadora da praça Higino da Silveira (ferinha do Alto), ao responder o questionário compartilhou a sua experiência em Anápolis- GO, admirada com a existência de um parque gratuito, aberto a comunidade. Segundo a mesma a existência de um “parque totalmente gratuito, com segurança para que as pessoas possam usufruir, uma pista de skate” é um tipo de infraestrutura que contribui para o uso contínuo do espaço público, e a mesma achou “aquilo maravilhoso e gostaria muito que Teresópolis tivesse essa oportunidade.”

No entendimento de muitos entrevistados o único local que tem um maior apelo turístico é o Parque Nacional. “Tirando o Parque Nacional que é uma ótima opção, porém já soube que querem impedir o acesso dos teresopolitanos de baixa renda na alta temporada, uma medida elitista, racista, que devemos combater.” Outra entrevistada diz que “tirando o Parque Nacional, que é um ambiente por si só grande, convidativo, com uma variedade, uma diversidade, eu não consigo encontrar um outro ambiente onde eu diga assim: ‘vamos fazer um piquenique?’ Claro que tem outros espaços lindos, mas acho que falta infraestrutura e sedução para que as pessoas frequentem.”

Foi chamada a atenção para a criação de eventos nessas praças, “pois não adianta divulgar que vai ter um movimento, vai ter isso e aquilo, se você não bota iluminação, se você não bota segurança, você não cria uma acessibilidade...” Outra colaboradora responde algo neste mesmo raciocínio, evidenciando que “a maioria dos espaços públicos de Teresópolis não são valorizados esteticamente e não tem a iluminação adequada.”

Outro entrevistado faz um paralelo com as cidades do entorno e diz que “em comparação com as cidades vizinhas de porte similar (Petrópolis e Nova Friburgo) Teresópolis está atrás, o poder público daqui é mais descuidado e desleixado, os espaços são mais sujos, menos sinalizados, não são receptivos e aprazíveis, longe disso.”

Entendo que o poder público precisa atentar para essa situação e nos ajudar a cuidar do nosso patrimônio, neste sentido, o entrevistado chama a atenção para o fato de que “a exceção

do Parque Nacional, perdemos praças, equipamentos esportivos inexistentes e sem conservação, etc.”

Outro ponto identificado, é que na visão dos entrevistados existe um problema, que seria a falta de uma praça coberta. “Um grande problema que a gente tem é que, não temos uma praça coberta em Teresópolis e o nosso clima aqui é bem favorável a chuva, tempo frio...” No caso de um show por exemplo, o artista pra se apresentar precisa de um publico e esse publico por sua vez precisa estar protegido das adversidades do clima serrano.

Ainda foi apontado outro problema no que tange a falta de estrutura, planejamento e apoio aos projetos, “porque a gente ganha as vezes projeto no estado, no ministério e quer trazer uma ação pra Teresópolis. Mas começa a chover e tem que cancelar o evento, cancelar tudo ou tentar transferir pra uma quadra, pra um colégio, mas quadra de colégio não é um espaço público propriamente dito, porque não entra qualquer um dentro da escola, então é uma coisa cercada e você já acaba com essa coisa democrática”

Isso reforça aquela ideia do que é espaço público. Pois existem vários lugares ditos como públicos a entrada é restrita. Um colégio também entra nessa categoria, pois a ideia que fica na cabeça das pessoas é que esse tipo de instituição só se permite a entrada de alunos que estejam integrados a essa rede e realmente descaracteriza o alvo de um projeto como esse, em que o objetivo seria fazer com que todos pudessem participar, todos tivessem acesso e uma praça viabiliza isso.

Observou-se também que uma alternativa encontrada pelo grupo de educadores é a revitalização. Foram citados alguns exemplos aqui mesmo da cidade, provando que depois desta atitude tomada por parte do poder público, foi identificado um novo uso desses lugares que antes estavam abandonados. Exemplos como a Cascata do Imbuí e a praça do bairro da Barra foram mencionados.

A revitalização da ideia de cuidar daquilo que é de todos, fazendo o que for necessário para que o espaço possa ser devolvido a comunidade em perfeitas condições de uso. Neste sentido, alguns entrevistados apontaram que outras localidades “são mais bem cuidados, as praças geralmente são adotadas por empresas que cuidam de sua manutenção”. Isso demonstra que existe uma parceria entre o poder público e privado, uma pratica que não existe aqui no município de Teresópolis.

Um dos jovens, ainda apontou uma prática recorrente por parte dos freqüentadores, ele diz que “muitos nem cuidam desses locais pois consideram que não são algo seu, e sim da prefeitura, e que essa deveria cuidar. Mas na verdade é um espaço nosso, e mesmo que sem

muitas estruturas como os de nossa cidade, ainda é algo a qual podemos desfrutar e cuidar, utilizando ao máximo principalmente para coisas boas para nossa população. ”

Esta fala além de apontar problemas na infraestrutura das praças, mostra também uma deficiência por parte do poder público de elaborar projetos de educação patrimonial. Pois foi identificado que os mesmos acreditam que aquele espaço não é dele, apontando mais uma vez não só a falta de vínculo e sentimento de pertencimento, mas como também a cultura de achar que a responsabilidade de cuidar daquele local é da prefeitura.

5. RESULTADO DAS PERGUNTAS DIRETAS.

Foi percebido que a comunidade local fica dividida ao ter que responder se gostam dos espaços públicos da própria cidade. Os entrevistados com um maior grau de instrução e que tem a oportunidade de viajar e conhecer outros lugares, foram muito críticos com a atual situação das propriedades públicas locais, muito preocupados com a falta de interesse do poder público de tornar esses espaços mais convidativos e de fazer o cidadão se sentir parte deles. Em contrapartida, a partir desta análise, percebeu-se que os entrevistados menos instruídos acham os espaços bons, mas entendem que eles também precisam de uma revitalização. Essa pergunta dividiu de forma nítida o grupo de entrevistados.

Em contrapartida, a maioria dos entrevistados acham que os espaços públicos de outras cidades são mais bonitos que os de Teresópolis, e as mesmas afirmam também que não existem lazer nos espaços públicos da cidade. Isso reforça a falta de programas municipais que incentivam e estimulam o desejo do uso destes lugares.

Foi identificado que grande parte dos entrevistados realmente utilizam os espaços públicos de lazer, porém os mesmos sentem a necessidade de uma integração de políticas públicas que visem o fortalecimento do uso e da identidade destes lugares. É importante destacar que quando foi abordado sobre o uso, os próprios entrevistados entendem que esses espaços devem ser melhorados tanto para os moradores quanto para os turistas que visitam o município.

6. Proposta – Plano de ação

A partir dos dados coletados e das observações feitas em espaços públicos de outras cidades que são bem sucedidas na utilização do mesmo para fins turísticos, foi elaborado um plano de ação visando aumentar a frequência tanto dos turistas como da comunidade local nos espaços públicos presentes.

A importância da criação e ampliação de ciclovias como forma de desafogamento do trânsito e dando mais uma opção de lazer ao visitante seria uma alternativa sustentável e de muita valia, pois sabe-se da existência disso em cidades turísticas como a Holanda, por exemplo, que é referenciada neste quesito.

Teresópolis também poderia se apropriar desta ideia, já que existe um movimento por parte da sociedade muito favorável a essa prática e neste município este hábito poderia ser intensificado com a criação de roteiros a serem feitos de bicicleta, sem dizer que seria bom tanto para o turista como para quem mora aqui, dando mais segurança no seu deslocamento com este meio de transporte.

Porém, para início imediato, pode ser copiado do Rio de Janeiro, o hábito de fechar algumas vias para o para o lazer da população. Atualmente, a cidade do Rio interdita cinco vias para este fim, algumas apenas durante o horário de verão como no caso do bairro do Flamengo. As outras vias fechadas nos domingos e feriados são: Avenida Atlântica em Copacabana, Avenida Vieira Souto em Ipanema, Avenida Delfim Moreira no Leblon e Rua Dias da Cruz no Méier.

Outro município que adotou esse sistema de fechamento de vias para oferecer lazer é São Paulo. O Minhocão é um espaço por onde circulam um fluxo intenso de carros durante a semana, porém nos domingos observa-se uma nova apropriação deste lugar e uma resignificação do mesmo para os moradores.

Com essa observação, surge um novo esforço e projeto para tentar transformar este lugar em parque linear elevado com ciclovia, partindo da perspectiva que deve-se viver em cidade para pessoas.

O município poderia fazer o mesmo da Avenida Feliciano Sodré, até a Avenida Rotariana no Soberbo (figura 7), oferecendo mais segurança para os moradores praticarem seu momento de lazer e atividades esportivas, pois atualmente a população precisa se arriscar a realizar suas atividades de corrida ou caminhada disputando parte da pista com os carros, algo muito perigoso.

Figura 7. Atividades físicas praticadas no Bairro Soberbo.



Fonte: A autora, 2016

Já que existe uma demanda considerável, a cidade também pode recorrer a um novo planejamento urbano, para a inserção de ciclovias. Em um grupo de uma rede social, onde os moradores de Teresópolis se organizam para darem novas ideias para a (re)construção do município, percebe-se o desejo de que a cidade tenha uma faixa reservada para a circulação de bicicletas. Entre as falas, percebe-se a necessidade de que os estacionamentos no canteiro central seja acabado, “eu ainda tiraria as vagas de carro! Uma cidade deve ser construída priorizando o transporte coletivo e não poluentes como a bicicleta. Uma ciclovia na Reta seria ideal para o início da transformação da nossa cidade”.

A ideia que entra em um consenso é de adaptar a ciclovia junto ao canteiro central, porém os moradores ficam receosos de que as árvores sejam retiradas, todavia com a ajuda de um bom planejamento urbano isso pode ser resolvido. Outra moradora diz: “Olha gente eu não estou falando para tirar as árvores, a ideia de uma ciclovia seria para adaptar o verde para isso existe pessoas da área para fazer um projeto já que Teresópolis parando para ver está muito atrasada, e não é impossível ter uma ciclovia basta querer para incentivar um transporte rápido e ecologicamente correto”.

Políticas públicas de incentivo a conscientização ambiental continuam necessárias, a fim de lembrar aos visitantes de não degradar estes patrimônios (figura 8). A sinalização que indicam o local desses atrativos também devem ser intensificadas e melhoradas.

Figura 8. Lazer na cachoeira do Parque Nacional.



Fonte: A autora, 2016

A aproximação da iniciativa privada seria fundamental, uma vez que as mesmas poderiam adotar as praças e cuidar das mesmas, utilizando-as bicicletários públicos, emprestando-as aos moradores e turistas por um preço significativo, assim como a empresa Itaú faz na cidade do Rio de Janeiro. Essa seria uma das ferramentas que ajudariam a cidade a se consolidar como destino de ecoturismo, já que ela mostra um desejo de se vender desta maneira.

Um calendário verdadeiramente efetivo e anual de eventos nas praças, em sua maioria patrocinados pela iniciativa privada seria uma alternativa para equilibrar a sazonalidade, e manter a cidade com uma taxa de ocupação significativa. Sabemos que os eventos são aliados na atividade turística e algumas cidades que mantem esta prática colhem bons frutos e conseguem ter um destaque.

Quando proponho uma política de turismo participativa, priorizando a comunidade local associada a educação e governo, sei que isso segue um caminho contrário aos interesses do empresariado, pois os mesmos já oferecem produtos prontos e participação para os mesmos só se torna interessante de um ponto de vista limitado, com esse grupo regulando até

que ponto essa participação pode ir, porque isso vai acabar se tornado incomodo pelo fato de que em um futuro próximo terão que dividir privilégios.

A cidade, os grupos sociais que as compõe devem juntamente ao poder público repensar o espaço público, pois a cultura é dinâmica e sendo assim são necessárias novas estratégias que aproximem o público deste espaço democrático para compor uma nova produção do mesmo. Essas são algumas das estratégias que poderão transforma-lo em um lugar de convívio e fortificar a atividade turística desenvolvida neles, tornando-o em um protagonista do alcance da cidadania.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para um bom uso do espaço público faz-se necessário entender quais são as demandas dos seus frequentadores e o modo como é feita a apropriação pelos mesmos.

Por meio de um bom uso e infraestrutura desses espaços de fins coletivo fica compreendido que oferece mais dignidade a esses freqüentadores, os quais tem a oportunidade de exercer sua cidadania cuidando daquilo que é público, e a responsabilidade do zelo não está somente ligada a esfera pública e isso passa então a ser uma obrigação de todos.

Por meio de observação de dados primários de alguns espaços públicos de Teresópolis, ficou entendido que a praça Santa Tereza é uma praça mais frequentada durante a semana pelos trabalhadores, estudantes, aposentados, vendedores ambulantes entre outras pessoas. Nos finais de semana e feriados, apesar de ter uma feirinha de artesanato funcionando no local, a praça se encontra quase que vazia. É necessário lembrar também que essa tradição de levar uma feira de artesanato para esse lugar foi criada recentemente, se comparada a do Alto.

Em contrapartida a praça Higino da Silveira se encontra quase que vazia durante a semana, e torna-se mais movimentada nos finais de semana e feriados devido ao funcionamento da Feirinha do Alto, a praça de Alimentação que se encontra ao fundo do local, aos shoppings e dois restaurantes expressivos na cidade, sendo eles o Novilho de Ouro e o Veneza. Também deve ser levada em consideração a proximidade da praça a outro ponto turístico da cidade chamado Parque Nacional da Serra dos Órgãos.

Portanto nota-se que a praça Santa Tereza está associada ao uso durante um breve tempo livre do trabalho, pois depois de um tempo os mesmos terão que retornar a suas atividades. Também está ligada ao funcionamento das escolas durante a semana, e quando os alunos saem, passam um breve tempo de lazer conversando com seus amigos, aos fiéis que esperam a missa começar, aos grupos que se reúnem para andar de slack line e carteado.

Ao que parece, nos finais de semana, parte deste público se transfere para a praça do Alto, onde podem desfrutar do tempo livre do trabalho junto a família ou amigos. Nesta praça também está concentrada a maioria dos turistas que visitam a cidade.

A abertura da Praça Olímpica trouxe de volta um dos principais pontos de lazer da cidade, e como fica em um espaço apropriado, serve de palco para abrigar várias atividades culturais, assim como shows, oficinas, aulas de capoeira e etc. Por ela abrigar um parquinho onde as crianças podem se divertir, rampas de acesso, arquibancada, ela acaba se tornando um dos espaços públicos mais democráticos da cidade atraindo diferentes tipos de público em um mesmo lugar, desde crianças a idosos.

Os outros espaços ainda carecem de projetos de fomento, para que esses lugares venham ter um novo significado e uso para a população de Teresópolis. A Calçada da Fama é um exemplo disso, a qual tem virado apenas um lugar de passagem, do que um lugar de apreciação. Durante a semana tem um fluxo intenso, impulsionado pelo comércio localizados em suas proximidades, dias de domingos e feriados quando este comércio se fecha, o centro da cidade fica sem movimento, carecendo de fato de atividades culturais que possam aproximar a população desses espaços públicos localizados no centro da cidade, os quais sofrem impactos dessa situação.

Se existe uma população receptora bem consolidada, que tenham as suas necessidades atendidas, que estejam satisfeitas com as atividades de lazer oferecidas e que tenham livre acesso à elas, teremos um desenrolar de uma atividade turística saudável, onde cria-se o prazer de receber forasteiros em sua cidade, pois o turismo só pode ser bom, quando é ótimo para os moradores locais. Entendo que o turismo antes de qualquer coisa, deve estimular o desenvolvimento local, dar novas opções de lazer aos moradores e assim resgatar a sua identidade e o sentimento de pertencimento.

Como foi analisado nesta pesquisa, articulações entre a administração pública, iniciativa privada e sociedade civil também é uma boa alternativa para preservar e manter bem cuidado o espaço público, assim como é feito em Belo Horizonte – MG e outras cidades. Desta forma a comunidade local passa se sentir realmente inserida politicamente e estar

em gozo dos seus direitos, e as empresas ainda tem a permissão de propagar a sua marca, atuar de maneira cidadã e de se tornar uma nova referencia.

É importante também ressaltar algo que deve ser repensado por parte das autoridades, pois durante as entrevistas os participantes se referem a Praça Baltazar da Silveira como Santa Teresa, como ela é conhecida na cidade e pelos seus frequentadores. Este é um ponto importante que deve ser trabalhado pelas partes competentes, já que um local deve ser nomeado como a população a chama.

O espaço público para o turismo é algo muito positivo para o desenvolvimento da cidadania e do sentimento de pertencimento da comunidade local. Pois sendo um lugar democrático, ele tende a envolver a comunidade receptora neste processo, estimulando o uso e o cuidado deste patrimônio, algo que impacta na experiência turística do visitante. Desta forma, tende diminuir a exclusão que o turismo causa naturalmente entre o visitante e os moradores da localidade, tornando-se uma alternativa para que não haja conflitos que poderiam ser criados.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, José Vicente de . Turismo Fundamentos e Dimensões. 7.ed. São Paulo: Atica, 2000.

BRASIL. Constituição da república federativa do Brasil de 1988. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm> Acesso em 14 de setembro de 2015.

BRYANT PARK. Disponível em <<http://www.bryantpark.org/>> Acesso em 14 de maio de 2016

CABRAL, S. Sergio Cabral. Disponível em <<http://www.sergiocabral.com.br/mais-leitura-supera-um-milhao-de-livros-vendidos/>> Acesso em: 10 de agosto de 2015

CAMARGO, Luiz Octávio Lima. Hospitalidade.2.ed. rev. São Paulo: Aleph, 2005.

CAMPOS, Sinara Rafaela.Os cinco sentidos da hospitalidade. Observatório de inovação do turismo, Minas Gerais, v. III, nº 1, mar 2008.

COSTA DA SILVA, Fernanda; LAY, Maria Cristina Dias. PERCEPÇÃO DE USUÁRIOS QUANTO ÀS ADOÇÕES DE ESPAÇOS PÚBLICOS ABERTOS DE LAZER E TURISMO URBANOS. XVI Enanpur, 2015. Disponível em <http://xviananpur.com.br/anais/?wpfb_dl=304> Acesso em 14 de maio de 2016

DEMO, Pedro. Participação é conquista. São Paulo: Cortez, 1999

EDFRINGE. Disponível em <<https://www.edfringe.com/visit-the-fringe/programme>> Acesso em 3 de set de 2016

FACEBOOK. Disponível em <<https://www.facebook.com/groups/teresopolisviva/?fref=ts>> Acesso em 14 de maio de 2016

FÉO, Roberto Ricardo. Raízes de Teresópolis: outras histórias e outras coisas: 1500 – 2010/ 2.ed. Teresópolis: Zem, 2010

FIGUEIRA, V.; DIAS, R.; responsabilidade social no turismo. Lisboa: Escolar Editora, 2011.

FORTUNATO, R. A.; NEFFA, E.; abordagem complexa e desenvolvimento local por meio do turismo solidário: o caso da rede “brasilidade solidária”. *Turismo em Análise*. Vol 25, nº 1, p 51-74, 2014. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/rta/article/view/80672>> Acesso em 12 ago. 2015.

G1. Disponível em <<http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2013/05/veja-como-participar-do-programa-adote-o-verde-da-prefeitura-de-bh.html>> Acesso em 14 de maio de 2016

G1. Disponível em <<http://g1.globo.com/rj/regiao-serrana/rjintertv-2edicao/videos/v/teresopolis-rj-comemora-aumento-de-turismo-gerado-pela-copa-do-mundo/3498072/>> Acesso em 1 de jan de 2016

Globo Play. Disponível em <<http://globoplay.globo.com/v/3948333/>> Acesso em 1 de jan de 2016

GOMES, Paulo César da Costa. A condição urbana. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002.

GONÇALVES, Paulo Maurício Rangel. Entre matizes e permanências: a emergência do turismo e os simbolismos do Morro da Conceição. *Revista Brasileira de Ecoturismo*, São Paulo, v.6, n.I, jan/abr 2013, pp.29-40. Disponível em <<http://www.sbecotur.org.br/rbecotur/seer/index.php/ecoturismo/article/view/612/0>> Acesso em 14 set. 2015.

LANNA, Marcos. Nota sobre Marcel Mauss e o ensaio sobre a dádiva. *Revista de Sociologia e Política*, nº 14, jun 2000, p 173-194. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n14/a10n14.pdf>> Acesso em 7 abr. 2016

MINAS GERAIS. Disponível em <<http://www.belo Horizonte.mg.gov.br/local/entretenimento-cultura/parque-praca/parque-juscelino-kubitschek-parque-jk>> Acesso em 14 de maio de 2016

MINHOCÃO. Disponível em < <http://minhocao.org/>> Acesso em 3 de maio de 2016

NOVA FRIBURGO. Guia quatro rodas. Disponível em <<http://viajeaqui.abril.com.br/cidades/br-rj-nova-friburgo>> Acesso em: 19 de novembro de 2014.

O GLOBO. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/rio/cinco-vias-interditadas-para-area-de-lazer-14548142>> Acesso em 1 de maio de 2016

O GLOBO. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/brasil/a-outra-margem-do-rio-os-contrastes-na-recuperacao-da-regiao-serrana-13955973>> Acesso em 23 de out de 2016

PADILHA, Marcela do Nascimento. O conceito de espaço público como suporte para a análise de cidades com patrimônio histórico-arquitetônico protegido. Revista Geográfica de América Central. Número Especial EGAL, 2011- Costa Rica II Semestre 2011 pp. 1-21. Disponível em: <<http://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/view/2332>> Acesso em 10 de out. 2015.

PETRÓPOLIS. UOL viagem. Disponível em <<http://viagem.uol.com.br/guia/brasil/petropolis/>> Acesso em: 19 de novembro de 2014

PORTAL PBH. Disponível em <http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=meioambiente&tax=11025&lang=pt_BR&pg=5700&taxp=0> Acesso em 14 de maio de 2016

Pragmatismo Político. Hotel de luxo simula favela para turistas “experimentarem” pobreza. Disponível em <<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2013/11/hotel-de-luxo-simula-favela-para-turistas-experimentarem-pobreza.html>> 19 de Nov de 2014.

Projeto Cultural transforma praça no centro de Cuiabá em sala de aula: G1, 2014. Disponível em <<http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2014/09/projeto-cultural-transforma-praca-no-centro-de-cuiaba-em-sala-de-aula.html>>. Acesso em 18 de setembro de 2014.

Sambando em Lisboa: Estadão, 2014. Disponível em <<http://blogs.estadao.com.br/sambando-em-lisboa/fotos-de-rua-impossivel-nao-amar/>>. Acesso em: 18 de setembro de 2014.

SESC. Festival Sesc de inverno. Disponível em <<http://www.festivalescdeinverno.com.br/programacao/busca?cidade=teresopolis>> Acesso em: 10 de agosto de 2015.

SILVA, Maria da Glória Lanci da Silva. Cidade Turísticas: Identidades e Cenários de Lazer. São Paulo : Aleph, 2004.

TERESÓPOLIS. Agenda21. Disponível em <http://www.agenda21comperj.com.br/diagnosticos/resultado?tid%5B%5D=349&tid_1=369> Acesso em: 20 de agosto 2014

TERESÓPOLIS. Tere.com.br. Disponível em <http://www.tere.com.br/turismo/historia.php?tit=Historia_de_Teresopolis> Acesso em 9 de junho 2014.

TERESÓPOLIS. Visite Teresópolis. Disponível em <<http://www.visiteteresopolis.com.br/atrativos-turisticos-teresopolis/matriz-de-santa-teresa-teresopolis>> Acesso em: 30 de outubro de 2015.

TRIP ADVISER. Disponível em <https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g60763-d136347-Reviews-Bryant_Park-New_York_City_New_York.html> Acesso em 14 de maio de 2016

URRY, John. O olhar do Turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. São Paulo: Studio Nobel: Ed Sesc, 2001

Viaje mais. Disponível em <<http://www.viaje.com.br/escocia/edimburgo/edimburgo-e-reduto-de-muitos-festivais-de-musica-danca-artes-e-teatro>> Acesso em: 5 de junho 2014.

VISITE NOVA YORK. Disponível em <<http://www.visitenovayork.com.br/os-parques-de-nova-york/>> Acesso em 14 de maio de 2016

YÁGIZI, Eduardo. To be or not to be: Sobre o autentico e o falsificado nas construções do turismo. Revista de Cultura e Turismo, nº 3, jun 2009, p 1-36. Disponível em <http://www.uesc.br/revistas/culturaeturismo/edicao6/artigo_1.pdf> Acesso em 7 de abr. 2016

ZORZI, Mariciana; CERQUEIRA, Fábio Vergara. Atrativos Turísticos e Patrimônio Cultural: O olhar do poder público e da comunidade local no município de Jaguarão – RS.